

Mulheres na fiscalização

A Polícia Fiscal, unidade especializada do Comando Geral da Polícia Nacional, assegura a fiscalização das mercadorias que entram, transitam e saem do país.



p.8-9

Livros mais caros

Nos últimos tempos, investir em literatura, seja ela didáctica ou de outra natureza, é quase impensável para o cidadão comum. A maioria há já algum tempo que não compra livros. Adquirir um livro, em Luanda, está cada vez mais difícil.

p.29



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA



19 de Março de 2018 • Ano 0 • Número 20 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO



INVERSÃO Habitualmente são os homens que agredem as mulheres

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

HOMENS TAMBÉM SÃO AGREDIDOS

Diz o adágio que "o feitiço vira contra o feiticeiro" e agora são os homens a "apanhar". Alguns deles perderam a vergonha, deixaram o machismo de lado e estão a acorrer às instituições de direito, para relatar os actos de violência que sofrem das parceiras.

p. 6-7

CINEMA

O FIM DAS VELHAS SALAS

Muitas são as salas de cinema que fecharam ou deixaram de exibir filmes. No centro da cidade ou na periferia, o cenário não é diferente. Dos velhos espaços de exibição restou apenas saudades. A decadência atingiu, de forma drástica, a sétima arte.

p. 18-20

ESTÁDIO 11 DE NOVEMBRO

INQUÉRITO AO JOGO "MISTERIOSO"

Os aspectos técnicos que se prendem com a ocupação dos espaços adjacentes ao 11 de Novembro estão a ser averiguados, desde a última semana, por uma comissão de trabalho, criada pelo Executivo.

p. 30

ABANDONADAS PELOS MARIDOS

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Mães solteiras criam "órfãos" de pais vivos

Já ninguém admira a quantidade de mulheres abandonadas pelos maridos e que, por sua conta, responde pelas necessidades da família. Algumas ainda tiveram algum apoio dos "ex", mas que se revelou efémero. Outras não vêm nem o pai dos filhos, nem o apoio que estes merecem, por direito.

p. 4-5

CENTRALIDADES

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



MORADORES Altos custos nas centralidades reduzem a qualidade de vida

Alto custo de vida afugenta moradores

Com a crise financeira, a prestação mensal da casa, o combustível, as taxas de condomínio e de lixo, o Imposto Predial Urbano, o transporte, a alimentação, o telefone e a televisão tornaram-se, para os moradores, despesas, que, cada vez mais, lhe "furam" os bolsos e lhe tiram o sono.

p. 14-15

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

DIOGUITO ENGRASSA LISTA DE INFORTÚNIOS

Mas uma voz se calou. Desta vez foi a do Dioguito. Não é o primeiro e parece que não será o último, se a nova via de acesso à centralidade do Kilamba continuar sem quebra-molas, iluminação pública e com os excessos de velocidade por parte dos automobilistas.

Na terça-feira, 13, por volta das 21 horas, o jovem Dioguito, do bairro Nova Esperança, Camama 2, foi atropelado e perdeu a vida no local. Os vizinhos nem tempo de o socorrer para o Centro de Referência do Kilamba tiveram. Dioguito morreu! O jovem de 25 anos junta-se a uns tantos outros na estatística de morte por atropelamento que a área vem registando, desde a abertura ao trânsito, em Setembro último.

Até parece moda, senão azar, para os populares que, de mês em mês, vão assistindo mortes sem conta, sem que ninguém faça nada por eles. A via de um quilómetro de extensão não tem iluminação pública, nem quebra-molas. A situação torna-se mais preocupante, porque boa parte dos atropelamentos regista-se no período nocturno, sem que ao menos seja possível identificar os infractores.

Muitas famílias, como a do Dioguito, nem recurso para a urna têm. Familiares são obrigados a juntar dinheiro para poder enterrar os seus ente-queridos. Devido à falta de documentação, como no caso de Dioguito, os corpos levam tempo a ser sepultados. A coordenação do bairro sente-se atado, sem muito o que fazer. À falta de solução, resta apenas pedir à administração do Kilamba, para, junto da Carmon, empreiteira da obra, solicitar a colocação de quebra-molas.

Até parece moda para os populares que vão assistindo mortes sem conta

Luandando



**ROSALINA
MATETA**
Sub-Editora

TEMOS OU NÃO HABITAÇÃO SOCIAL NAS CENTRALIDADES DE LUANDA?

O engenheiro Manuel Resende deixou cair por terra a ideia de que os edifícios de mais de quatro andares das centralidades do Kilamba, Sequele e outras enquadram-se no conceito de habitação social. Agora, sem esta muleta, como vai a Imogestim sustentar a tese que, recentemente, defendeu, quando realizou, em dois dias, uma conferência para abordar o "Futuro da Habitação Social em Angola", tendo, como exemplo, exibido como troféus os edifícios das centralidades erguidas em Luanda.

Sem rodeios, em entrevista ao Jornal de Angola, o engenheiro Resende destapou o véu, quando, referindo-se às centralidades em questão e disse: "Definitivamente, as centralidades não são para resolver os problemas da habitação social, não têm características para isso...". Pasmaram-se muitos. E eu, expectante, esperei pela reacção das gestoras dos projectos imobiliários do Estado. Desde segunda-feira, 12 de Março, que a esclarecedora entrevista foi publicada, nenhuma entidade oficial ou especialistas em construção civil e arquitectura veio a público debitar outros subsídios ou desmentir os argumentos do engenheiro. O que demonstra que as suas afirmações mereceram a aceitação geral, até da Imogestim.

A minha inquietação reside, precisamente, no facto de a Imogestim permanecer em silêncio, ante declarações que desmontaram e comprometem tudo o que defendeu na prelecção que organizou para comemorar o seu vigésimo aniversário. Naquele fórum, a empresa gestora exaltou, com base na definição legal, o facto de se ter "dado" casas sociais às pessoas nas centralidades. E vem agora o engenheiro Resende afirmar que, quanto às centralidades, "continuo a ter a mesma opinião: não são para nada, são um problema...". Uma vez que, entre outros argumentos, entende que não se pode falar em habitação social, quando se vive num 10º andar, por exemplo, isto porque devem ser contabilizados os custos dos serviços indispensáveis à vida dos habitantes de tais zonas. Então, Imogestim, em que ficamos? Tecnicamente, temos ou não habitação social nas centralidades? Teremos que concluir, com tristeza, que a realização da conferência que abordou a habitação social em Angola e, igualmente, procurou engajar entes privados no fomento habitacional, convidando, inclusive, prelectores estrangeiros, foi apenas "show off"; mais um momento carregado de vaidade do que de demonstração de técnica e ética?

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO



Chuvas

A INSENSATEZ DE UMA FAMÍLIA

A época chuvosa na cidade de Luanda chega sempre com inúmeros problemas e invariavelmente mostramos a teimosia de muitos cidadãos que persistem em construir residências próximas das valas de drenagem. No bairro Chinguar, Distrito Urbano do Benfica, a força da água de uma das chuvas que caiu sobre Luanda, foi inclemente para com uma família que perdeu tudo. O muro que cercava a casa cedeu à pressão da água que invadiu o quintal, a moradia e varreu tudo que encontrou, apanhando desprevenidos os ocupantes da mesma que tiveram que fugir para salvar as suas vidas. Naquele dia, pela densidade e intensidade da chuva, a água chegou a, aproximadamente, a um metro e trinta de comprimento. Muitos dos moradores da

quela zona solidarizaram-se com as vítimas, mas outros criticavam a imprudência por construírem uma vivenda a escassos metros da vala, numa zona de risco iminente.

De um ou de outro modo, ficou um aviso para todos aqueles que construíram naquele perímetro. Qualquer morador poderá ser "visitado" pela água que, teimosamente, procura o seu curso, sem se importar com o rasto de destruição que deixa para trás. Este aviso é extensivo a outros moradores que vivem próximo de outras valas existentes na cidade capital. Outro aviso aos vizinhos das valas é para que as deixem limpas. A falta de limpeza em muitas valas de drenagem prejudica a fluidez das águas. No bairro Chinguar, depois deste desastre, uma limpeza está a ser feita. Que esta desgraça sirva de lição a outros municípios que construíram em zona de risco.

A palavra ao leitor



Água nas ruas

Quando não há água nas torneiras, a população reclama da prestação de serviço da EPAL. O que é normal, pois tal líquido faz muita falta no dia-a-dia. Mas, infelizmente, também deparo-me com situações, em alguns bairros, em que a água corre das torneiras às ruas, deixando-as alagadas, ao ponto de se confundir com água da chuva. O meu apelo é para que os cidadãos economizarem mais este líquido tão importante.

Madalena Manuel
Benfica

Lixo na praia

Estou preocupado com o que está acontecer na praia de Cacuo, junto da praça do mundial. Ali, encontra-se muito lixo que foi arrastado pelas últimas chuvas, causando poluição ambiental e um atentado à saúde pública.

Sebastião Silva
Cacuo

Cães atropelados

Vivo no município de Belas e já há algum tempo que estou preocupada com o número de cães que são atropelados na via pública. Certamente que os animais são vadios ou os donos não lhes prestam a devida atenção. Mas, o maior problema é que os animais depois de atropelados e mortos permanecem na estrada até ao estado de decomposição. Quero saber a quem cabe a responsabilidade de recolher os cães mortos na via pública?

Joana Mateus
Belas

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: António Pimenta, Arcângela Rodrigues, Domiana N'jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos:
Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril,
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos:
Olimpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha



EXPOSIÇÃO NEGATIVA SILÊNCIO INSTITUCIONAL

Em dois anos e meio, a Feira Internacional de Luanda transformou-se, negativamente, sob olhar silencioso das autoridades, num espaço que expõe capim, plantas, bichos rastejantes, arbustos, árvores, restos de mobiliários espalhados ao redor das instalações, grupos geradores despidos, cabos eléctricos descascados, pavilhões sem portas e nem janelas.



ENCERRAMENTO DEZENAS SEM EMPREGO

Todo o tipo de actos indecentes acontece nesse recinto. Com o encerramento total da Feira Internacional de Luanda, cerca de 67 trabalhadores ficaram sem o emprego directo. Marcada por histórias com mais de 30 anos, o estado actual da FILDA espera por um pronunciamento do Ministério da Indústria.

Mazarino da Cunha
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

L ogo à entrada, silêncio absoluto. Um silêncio por entre tristeza, medo e lembranças de um espaço visitado por milhares de pessoas há mais de 30 anos. A exibição do colorido, das luzes e de gente de elegância ficou para o passado. A aparente paz no local desperta também um perigo iminente. A Feira Internacional de Luanda foi abandonada à sua sorte.

A reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, foi ao local que hoje apresenta um cenário sinistro. Os assaltos estão sempre à espreita. Enquanto estivemos lá, fomos surpreendidos por três jovens. Vestidos de calções curtos, chinelas e mochilas, olhavam-nos seriamente. Não porque fôssemos "estrelas" naquele momento assustador. O repórter fotográfico fazia os seus retratos. Tudo numa boa. O olhar rápido e perspicaz era para a máquina fotográfica.

O assalto não aconteceu devido à pronta intervenção do comandante da esquadra da polícia próxima ao local, que, apercebendo-se da nossa presença, veio em nosso socorro.

"Hoje, a FILDA tornou-se um local perigoso, devido à presença constante de marginais. Notei que eram jornalistas e, talvez por descuido de vossa parte, podiam ser alvos dos delinquentes", disse.

São estas e outras situações que a FILDA "optou" por "expôr" há mais de dois anos. De acordo com o depoimento de um dos antigos trabalhadores da feira, que lá encontrámos e falou sob a condição de anonimato, os assaltos à luz do dia, vandalismo, sabotagem e prostituição, em certas ocasiões, são as novas formas de "exposição" que a FILDA apresenta.

Sentado no que resta do que já foi um aparelho de ar condicionado, retirado da sala de conferência de imprensa, o senhor confessou que é uma dor ver a forma como estão as instalações da Feira Internacional de Luanda. "Todo o tipo de actos indecentes acontece nesse recinto. Com o encerramento total da Feira Internacional de Luanda, cerca de 67 trabalhadores ficaram sem o emprego directo", lamentou.

Marcada por histórias com mais de 30 anos, o estado actual da FILDA espera por um pronunciamento do Ministério da Indústria, para um novo destino. As várias divisões do antigo gigante nacional em exposições encontram-se numa situação deplorável: portas arrombadas, salas pilhadas, geradores despidos, cabos eléctricos retirados da rede interna, enfim.

SALA DE IMPRENSA

À distância era possível ver as fotografias estampadas e abandonadas no interior de uma sala envidraçada. As mesmas retratam momentos em que



FILDA "expõe" assaltos, vandalismo e prostituição

De acordo com depoimento de um dos antigos trabalhadores da feira, no local, assaltos à luz do dia, vandalismo, sabotagem e prostituição, em certas ocasiões, são as novas formas de "exposição" que a FILDA apresenta actualmente.

diversas personalidades, nacionais e estrangeiras, discursaram naquele recinto. De repente, lembrei que a sala sob minha visão não era de exposição, tampouco um museu antropológico. Era, na realidade, a célebre sala de conferência de imprensa da Feira Internacional de Luanda. Da sala restam apenas as paredes de vidro, as fotos e o tecto.

Na companhia do repórter fotográfico, identificámos várias individualidades, com destaque para ministros, secretários de Estados e presidentes de conselhos de administração. Os jornalistas que ali fizeram cobertura com certeza lembram-se das boas condições de que a sala dispunha pa-

ra qualquer profissional da comunicação social. De lá para cá, tudo mudou para o triste.

Em dois anos e meio, a Feira Internacional de Luanda transformou-se, negativamente, sob olhar silencioso das autoridades, num espaço que expõe capim, plantas, bichos rastejantes, arbustos, árvores, restos de mobiliários espalhados ao redor das instalações, grupos geradores despidos, cabos eléctricos descascados, pavilhões sem portas e nem janelas e um lugar de elevado risco.

"Há de tudo na FILDA", disse um menino de 13 anos, que jogava pedras numa figueira. "Além de conseguirmos tirar figo à vontade, tam-

bém fizemos caça de gafanhotos e passarinhos". Acrescentando que tem saudades dos momentos em que entravam perfilados, vestidos de batas, para visitar os pavilhões.

David Cassule, outro menino que se encontrava no local, disse que a FILDA tornou-se num lugar onde há sempre corrida entre os agentes da Polícia Nacional e os jovens vindos do bairro da Terra Vermelha, município do Cazenga. O rapaz reforçou que, mesmo com a presença de agentes da Or-

dem Pública no interior da feira, os assaltantes não param de entrar, para cometerem sabotagem.

SEM MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA

Na busca de esclarecimento oficial sobre as razões por que a FILDA parou as actividades, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, procurou o Ministério da Indústria, sem sucesso. Mesmo depois do envio de cartas a solicitar uma entrevista, a instituição manteve o silêncio até a data da publicação.

PERIGO IMINENTE

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO



INCENTIVO E ESPERANÇA FILHOS AJUDAM MÃES A NÃO DESISTIREM DOS SONHOS

Devido a condição em que se encontram existem mulheres que perderam toda a esperança na boa-fé dos ex-maridos e celeridade das instituições. A lista de mães solteiras não parará de crescer. O amor pelos filhos serve de incentivo para não desistirem.



MARIA CRISTINA CLAMOR DE UMA MULHER QUE ESPERA AJUDA DE DEUS

"Agradeço imenso aos meus amigos e as senhora Berta e Ruth. Estas duas mamãs da OMA conhecem bem a minha situação. Espero ajuda de Deus para que toque no coração de alguém que possa arranjar-me uma casa..."

ABANDONO



AFFECTO As mulheres são, naturalmente, seres bastante carinhosas com os seus filhos e por eles tudo fazem

Mães cuidam e sustentam "órfãos" de pais vivos

A maior parte das vítimas de abandono paterno não apresenta queixa. A resposta legal é demorada e teme a exposição.

Rosalina Mateta*
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Nádia Castro tem 30 anos, é licenciada e tem um bom emprego. Acredita que teve uma infância feliz e que foi muito bem-educada e preparada para a vida pela mãe e pelos avós maternos. Porém, desde a sua tenra idade, a ausência do pai deixava um vazio no seu coração. "Era como se me faltasse uma muleta...", definiu.

Hoje, uma senhora e em véspera de se casar, considera que a falta do pai não a traumatizou, ao ponto de deixar de ter confiança nos homens, mas sente mágoa porque nunca conseguiu entender e sequer aceitar que seu pai a tenha abandonado. "A minha mãe conta que quando nasci era a menina dos olhos do meu pai. A sua primogénita e a cara da mãe dele. Então, como foi possível deixar-me simplesmente...?",

questionou-se visivelmente indignada.

O pai de Nádia um cidadão com certa visibilidade na nossa sociedade, por isto mais revoltada ela fica ao vê-lo "simular comportamentos".

Ainda que variem os contornos, a história de Nádia é semelhante a de muitos outros jovens e crianças do mundo, de Angola e particularmente de Luanda, onde nem os tribunais e tão pouco as instituições afins que lidam com conflitos do género são capazes de fornecer números exactos, simplesmente porque eles não existem.

Afinal, a maior parte das vítimas de abandono paterno ou privação de alimentos não apresenta queixa. Por um lado, porque a resposta legal é demorada e por outro, porque há o receio de exposição e estigmatização.

HISTÓRIAS IDÊNTICAS E VÁRIOS PROTAGONISTAS

Maria Cristina, Ana Neto, Isabel António, Rebeca dos Santos e Madalena João,

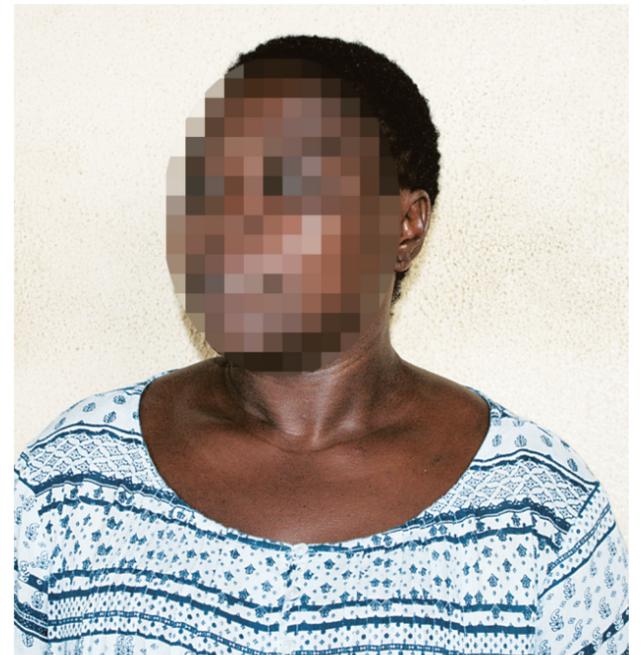
são mães que têm a seus cargos filhos cujos pais, embora vivos, os transformaram em "órfãos".

Todas estas mulheres, mães solteiras, carregam diariamente a pesada carga dos filhos por serem as únicas fontes de sustento de suas famílias.

Maria Cristina é o mais genuíno retrato de uma mulher sofredora. Ela está a passar por um momento insondável, mas mascarados na aparência bem cuidada.

Actualmente viver no Golfe com os seus cinco filhos. A casa é arrendada e precária. As últimas chuvas deixaram os filhos sem roupa e obrigaram a família a dormir em condições difíceis, porque os colchões ficaram molhados. Água invadiu o quintal e entrou porta a dentro e inundou os cômodos. Apesar de as chuvas terem dado tréguas, o pavimento não seca e a fossa séptica encheu de água, deixando um ambiente insustentável. Cristina desconfia que a casa foi erguida em cima de um lençol de água.

AUGUSTO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO



PEDIDO Maria Cristina apela à caridade da sociedade



**DETERMINAÇÃO
RENDIMENTOS BAIXOS
E CONTAS POR PAGAR**

O que muitas mulheres ganham mal chega para manter a sua família. A alimentação, escola, vestuário e outras necessidades correm por sua conta. Ainda assim nunca desistem dos filhos. Trabalham incansavelmente.



**SOCIEDADE
UNIÃO FAMILIAR**

O recomendável é que pais e filhos habitem no mesmo tecto e convivam harmoniosamente para a preservação da família como uma instituição socialmente respeitada. Infelizmente, muitos homens não assumem o seu papel de pai.

Sem opção, vai permanecer ali. Pois, o que ganha mal chega para manter a sua família. A alimentação, escola, vestuário e outras necessidades correm por sua conta. O marido abandonou-a com duas crianças de 8 e 6 anos. “Ele nunca assistiu as crianças. Não sei nada sobre ele, nem sei onde vive. Sei que é militar”, esclareceu.

Aos 40 anos, Cristina já vem experimentado amarguras antes mesmo de ficar grávida aos 14 anos. Julgou que o primeiro marido com quem teve três filhos lhe adoçaria a vida. Viveu em casa da sogra de onde saiu por causa de uma briga com a cunhada. Sem apoio do pai dos filhos, procurou abrigo no Rangel em casa de uma amiga.

Na altura, sem emprego, dependia da caridade dos amigos e do suporte de duas senhoras. “Agradece imenso aos meus amigos e as senhora Berta e Ruth. Estas duas mamãs da OMA conhecem bem a minha situação, acompanham todas as minhas dificuldades e ajudam-me”, disse Cristina com os olhos marejados de lágrimas.

Já empregada numa conhecida cadeia de colégios, Maria Cristina começou a ver a sua vida ganhar algum sentido. O pai dos três primeiros filhos começou a compartilhar nos estudos do rapaz mais novo do que as duas meninas. Mas, a gravidez da primeira filha de ambos, de 23 anos, foi o argumento para cortar a mesada. Com mais uma criança, a neta, para sustentar, as dificuldades aumentaram. Dois filhos de Cristina, a mais velha e o terceiro, já concluíram o ensino médio, mas, não conseguem empregos.

Cristina que já viu a sua família dormir sem comer coisa alguma, luta com todas as forças para não reviver episódios que quer apagar da memória. Ela é crente, almeja uma vida melhor. “Espero ajuda de Deus para que toque no coração de alguém que possa arranjar-me uma casa...”, apelou. É o clamor de mais uma mulher que não vê rápida solução na justiça dos homens e assim, nem sequer lembra de pensar em denunciar os pais de seus filhos.

Maria Cristina, Ana Neto, Isabel António, Rebeca dos Santos e Madalena João, são mães que têm a seus cargos filhos, cujos pais, embora vivos, os transformaram em “órfãos”. São mulheres solteiras, carregam diariamente a pesada carga dos filhos.



NEGÓCIO Das vendas realizadas nos mercados e ruas provém o sustento de muitas famílias, cujas mães são as únicas fontes de rendimentos

**ABANDONADA GRÁVIDA PELO
MARIDO COM CONTAS POR PAGAR**

Isabel António, 37 anos, mãe de quatro filhos, um dos quais com um mês de vida. Foi abandonada pelo marido, grávida. Viviam numa casa arrendada. O homem sai sem dizer palavra, pegou em suas coisas e foi morar na casa que sua mãe lhe deixou como herança. Para trás ficaram contas por pagar e crianças por cuidar, amar e sustentar.

Isabel foi queixar-se a um centro de aconselhamento e o pai de suas filhas foi convidado à uma conversa. Durante a mesma, ficou acordado que assistiria financeiramente as duas últimas filhas. Promessa cumprida apenas no primeiro mês. “Depois, disse-me que iria apoiar apenas a nossa primeira menina porque a segunda não era sua filha. Desde que a miúda nasceu nunca a foi ver. Proibiu a minha mãe de ligar para ele se o assunto fosse a bebé...”, contou Isabel em pranto.

Ainda no puerpério, foi obrigada a abandonar a casa onde vivia com as filhas de ambos e voltou para casa de sua mãe. Tem os pertences cativos porque não pagou quatro mensalidades. “Não sei o que fazer, onde guardar as minhas coisas. Ele deu-me algum dinheiro que apenas vai servir para pagar as rendas em atraso e avisou-me que terei que lhe devolver... não vou poder pagar a renda deste mês” lamentou Isabel que não pode voltar ainda ao seu negócio informal.

Para o alívio de Isabel, os seus filhos mais velhos vivem as expensas da avó.

**A ESQUIVA DO PAI NA HORA
DE SUSTENTAR OS FILHOS**

Rebeca dos Santos não vê o pai da filha de 19 anos desde que este resolveu separar-se dela. Tinha a pequena dois anos. Uniu-se a outro homem e teve um

filho, mas infelizmente o casamento durou pouco. O marido viria a falecer. Em pouco tempo viu-se a cuidar e sustentar duas crianças.

Efectivamente, só podia esperar alguma colaboração do pai da menina. Mas, este que é agente da Polícia é bastante esquivo. Por algum tempos, mas de quando, em vez, deu uma mesada de 10 mil Kwanzas. Por decisão unilateral deixou de ajudar a filha.

Passou a fazer promessas, mas não as cumpria. “Prometeu dar um telemóvel à filha, marcou encontro com ela e não apareceu. A filha ligo-lhe a reclamar e o chamou aldrabão. Logo a seguir ligou para mim a ameaçar dar um tiro a miúda. Disse-me que assim acabaria com tudo...”, lamentou Rebeca que mesmo diante desta ameaça não fez queixar à Polícia.

De igual modo nunca procurou qualquer autoridade para expor a situação da filha que agora já atingiu a maioridade. Rebeca prefere esperar que o pai de sua filha livremente decida pagar os seus estudos e contribua ainda com outras despesas, como o vestuário e o material didáctico.

Madalena João também não deu passo alguma para denunciar o pai de seus filhos que em nada os apoia. Até agora o seu negócio de frutas no mercado do Tunga-gó tem sustentado, a todos os níveis, a família. Desde muito cedo aprendeu a lidar com a condição de mãe solteira. Sempre fez o papel de mãe e pai dos seis filhos. Nada pode esperar de dois progenitores desempregados, sendo um alcoólatra.

Mas, já não consegue perceber a atitude do seu último companheiro e pai dos últimos dois filhos. “Ele tem um bom emprego, trabalha na Sonangol, mas não ajuda em nada!”, desabafou.

“A ausência da figura paterna, não me traumatizou de toda, mas era como se me faltasse uma muleta. Nunca consegui entender e sequer aceitar que o meu pai me tenha abandonado, por isso sinto mágoa. A minha mãe conta que quando nasci era a menina dos olhos do meu pai. A sua primogénita e a cara da mãe dele. Então, como foi possível deixar-me simplesmente...?”

Quatro anos depois da separação, Madalena acredita que conversando, amigavelmente, poderá “arrancar” alguns tostões do ex-marido a benefício dos pequenos de 11 e cinco anos.

Zenaide Júlio perdeu todas a esperança na boa-fé do ex-marido e celeridade das instituições. Foi corrida de casa semi-nua e autoridade alguma lhe valeu.

Entrou para a lista de mães solteiras, mas não se vergou. Dedicou-se ao filho e ao trabalho. “Precisava de me reencontrar, estar sempre de cabeça erguida e com boa aparência... e assim fui, ultrapassando os obstáculos”.

Com vontade de dar volta a tudo, entrou para uma outra relação, casou e teve mais três filhos. “Com os altos e baixos, comuns ao relacionamento entre mulher e homem, vamos nos man-

tendo e suportando... Estou feliz”, exteriorizou. Antes de encontrar suporte emocional e também financeiro no novo casamento, Zenaide teve que recorrer a muitas artimanhas para sair sempre vencedora nas batalhas que travava com o pai de seu primeiro filho.

Entre as muitas coisas que fez, “matou” para efeito de identificação. “O indivíduo furtava-se ao apoio financeiro e ainda dá-me curvas quando eu precisasse de uma autorização de viagem para sair do país com o meu filho. Então, tive que arranjar uma certidão de óbito falsa... sei que incorri numa ilegalidade, num crime, mais foi a saída...”, confidenciou Zenaide que a seu jeito tornou de júri o seu filho órfão de pai vivo. De facto a lista de filhos nesta condição é infinita.

*TODOS OS NOMES SÃO FICTÍCIOS



ACONSELHAMENTO DIÁLOGO PERMANENTE EVITA CONFLITOS

O Centro de Aconselhamento da OMA Provincial de Luanda não existe simplesmente para receber queixa de actos violentos, mas também para aconselhar os casais a dialogar. É importante que, quando a situação começa a correr mal, os casais peçam ajuda.



FOGO NO PARCEIRO VIOLÊNCIA LEVADA AO EXTREMO

Ana, 30 anos, foi condenada a 22 anos prisão, por ter colocado fogo ao marido. Tudo aconteceu quando ela descobriu a infidelidade dele. Ao confrontá-lo sobre a situação, o marido negou. Mas a mulher insistiu. Ana já cumpriu um ano e seis meses de cadeia.

QUEBRAR O SILÊNCIO

MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Yara Simão

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Violência doméstica atinge os homens

Homens vítimas de violência doméstica ainda reagem "com silêncio". A Organização da Mulher Angolana incentiva maridos a recorrerem às autoridades e a denunciarem todo o tipo de agressão. Idalina Rocha, da instituição, disse que, no ano passado, receberam seis mil e 33 casos de violência doméstica, sexual, psicológica e física, fuga à prestação alimentar e à paternidade e abandono. Vinte por cento das participações pertenceram aos homens.



Elas agredem, ameaçam, humilham e eles sofrem. As mulheres são as maiores vítimas de violência doméstica, mas os homens também são alvo deste crime. Os últimos dados da OMA provincial de Luanda revelam que os números têm aumentado. De uma em cada quatro vítimas, há um homem.

De qualquer modo, a situação está a mudar. Hoje, os homens estão mais abertos. Alguns deles perderam a vergonha, deixaram o machismo de lado e estão a acorrer às instituições de direito para relatar os actos de violência que sofrem das parceiras, sejam físicas, psicológicas ou verbais.

Diz o adágio que "o feitiço vira contra o feiticeiro" e agora são os homens a apanhar. No Departamento de Aconselhamento e Resoluções de Conflitos Conjugais da Organização da Mulher Angolana (OMA), é notória a presença de homens que vão denunciar episódios de violência, afirmando que a lei também se aplica a elas.

Na terça-feira, 27 de Fevereiro, quando eram 8 horas da manhã, Pedro Jones (nome fictício) aguardava defronte à sede da Organização Provincial da Mulher Angolana, para ser atendido. Serio, com o semblante distante, pensava em como chegar e contar o que estava a viver no seu casamento. Ao ver a equipa do *Luanda, Jornal Metropolitano*, ficou inquieto, com vergonha de bater a porta da instituição e pedir ajuda.

Pedro Jones disse que é muito complicado denunciar as mulheres, mas que, às vezes, é necessário, porque, de outra forma, passam dos limites.

"Eu vim denunciar a minha esposa por violência verbal e psicológica. Ela tem sido muito agressiva, quando estamos a discutir. Se é aqui onde elas vêm queixar-nos, também é nosso direito fazer o mesmo. A violência não faz bem, nem aos homens nem às mulheres".

Depois da entrevista, Pedro Jones desistiu da queixa e foi-se embora.

"Vou pensar melhor; vou deixar passar desta vez. Mas, se ela voltar a comportar-se mal, não vou hesitar e vou mesmo levar-lhe até às últimas consequências", ameaçou. No mesmo dia, outros homens estiveram presentes na sala de aconselhamento da OMA Provincial de Luanda e denunciaram as parceiras.

Na sua maioria, os casos referem-se a estarem privados do contacto com os filhos. Pedro Fonseca Bartolomeu, 30 anos de idade, também lá esteve. Ele viveu com a esposa durante sete anos. Diz que tudo começou bem, mas, depois, a mulher começou a ter mau comportamento. Saía de casa todos os dias, para ver a mãe.

"Descobri a infidelidade da minha esposa. Por isso, vim à OMA para que possam resolver a nossa situação, por-



RELATOS DE VIOLÊNCIA AGRESSÃO FÍSICA E VERBAL

É muito raro os homens denunciarem casos de violência sexual, mas, de acordo com o Departamento de Aconselhamento da OMA Provincial de Luanda, no ano passado, 20 por cento das participações pertenceram-lhes. Foram queixas por agressão física, psicológica, verbal e, principalmente, por elas estarem a abandonar os parceiros com os filhos.



POLÍCIA NACIONAL REGISTO DE DENÚNCIAS

O ano passado, a Polícia Nacional registou nas diferentes esquadras e postos, à nível de Luanda, um total de 16 denúncias de homens vítimas de violência. Deste número, nove foram ofensas corporais, quatro ameaças de morte, duas por violência psicológica e uma por violência patrimonial.

que ela está grávida de um filho que não é meu. Descobri da gravidez por causa das vizinhas que me alertaram.”

Bartolomeu explicou que não tem havido briga entre os dois. “Nós não temos brigado. O que me trouxe aqui é que em casa não estamos a conseguir resolver este assunto. Já levei a notificação da OMA, mas ela rasgou. Por isso, vou à Polícia fazer uma participação, para que ela venha responder e dizer se ainda quer ficar ou não comigo”.

Cristóvão Sabalo (nome fictício), por seu lado, foi à OMA queixar-se por estar privado do contacto com os filhos.

“A minha esposa saiu de casa. Disse que se sentia infeliz e desconfortada e foi para casa da mãe. Deixei passar um tempo, para ver se ela voltava para o nosso lar. Mas não aconteceu. Já passam sete meses”, queixou-se Cristóvão Sabalo, que hoje se vê privado do contacto com os filhos. “Até agora, não consigo entender por que razão ela me abandonou. Não tivemos caso de infidelidade, violência verbal, psicológica ou física. Uma vez que ela tomou essa decisão, eu respeito. Mas tenho o direito de conviver com os meus filhos, porque nunca fui uma ameaça para eles”, afirmou.

A OMA, disse, é a instituição que resolve essas situações de conflito no lar. “Vim pedir ajuda. Quero ver os meus filhos. Tenho esse direito. Estou a levar a notificação para ela, para que possa deixar-me passar algum tempo, pelo menos as férias, com nossos filhos”, pediu Cristóvão Sabalo.

VIOLÊNCIA LEVADA AO EXTREMO

Ana, 30 anos, foi condenada a 22 anos prisão, por ter colocado fogo ao marido. Tudo aconteceu quando ela descobriu a infidelidade dele. Ao confrontá-lo sobre a situação, o marido negou. Mas a mulher insistiu. “Eu encontrei-o com a moça, mas ele jurou que nada havia entre os dois. Depois de um tempo, descobri que continuavam juntos. Neste mesmo dia, tivemos uma briga; ouve luta e, como eu estava furiosa, acabei por colocar fogo na casa”. Ana já cumpriu um ano e seis meses de cadeia. Hoje, agradece a Deus por o marido não ter morrido.

“Eu já estou arrependida do que fiz, por isso estou aqui a pagar pelo meu erro. Meu marido hoje está incapacitado por minha causa; hoje ele não pode cuidar dos nossos filhos, devido ao meu ciúme. Rezo todos os dias para que Deus me perdoe e um dia ele também venha a me perdoar”.

Ana aconselha as mulheres a terem mais calma. “Muitas de nós estamos aqui porque cometemos crimes violentos contra os nossos parceiros, porque deixamos a raiva falar mais alto. Mas não cometam o mesmo erro que eu. Quando houver problema, o melhor é não partir para a violência, é correr directamente para a polícia. Não é boa a experiência que estou a viver neste lugar. Estar privada de liberdade por mais de vinte anos é um martírio”.



COMPORTAMENTO É preciso que haja mais diálogo, amizade e respeito entre os casais para evitarem situações desagradáveis

ACONSELHAMENTO CONJUGAL

Há homens que padecem e muito às mãos de mulheres agressoras, mas têm vergonha de as denunciar, quem o afirma é Idalina Rocha, responsável pelo Departamento de Aconselhamento da OMA Provincial de Luanda.

A maioria dos homens vítimas de violência doméstica reage “com silêncio” às agressões e os que recorrem ao sistema de apoio avaliam-no negativamente, por sentirem que são incompreendidos e novamente vítimas”, afirma Idalina Rocha. Acrescenta que as mulheres que sofrem de violência doméstica são abertamente incentivadas a denunciar às autoridades. Já os homens são, muitas vezes, pressionados a não denunciar, devido ao estigma social em relação à sua percepção de falta de machismo e outros factores que possam denegrir a sua masculinidade.

“Além disso, a violência conjugal contra homens, geralmente, é menos reconhecida pela sociedade do que a violência conjugal contra mulheres, o que pode ser mais um obstáculo para os homens relatarem a sua situação”, explica.

A responsável aconselha aos homens a não se sentirem inibidos nem intimidados. “É preciso que os homens se libertem deste peso do medo e da vergonha de pedirem ajuda, de terem medo de serem humilhados. Mas, felizmente, muito se avançou e muito se aprendeu, relativamente a estas questões”, defendeu.

Idalina Rocha disse que, no ano passado, receberam seis mil e 33

casos de violência doméstica, sexual, psicológica e física, fuga à prestação alimentar e à paternidade e abandono. Felizmente, segundo Idalina Rocha, nenhum dos casos conhecidos resultou em morte.

A responsável afirma que é raro os homens denunciarem casos, mas, no ano passado, 20 por cento das participações pertenceram-lhes. Foram queixas por agressão física, psicológica, verbal e, principalmente, por elas estarem a abandonar os parceiros com os filhos. Por outro lado, há também denúncias de proibição de pais terem contacto com os filhos.

“É preocupante, quando as mulheres começam a ter atitudes agressivas. É importante haver dialogo entre o casal, sem se chegar a algum tipo de violência”, afirma, a conselheira, para quem muitos homens hoje não fazem queixa, porque se sentem retraídos. “Mas têm de saber que violência verbal ou psicológica também é crime. Devem passar por cima do orgulho masculino e denunciar as agressoras. O medo ou o machismo pode levar a circunstâncias piores”.

O centro, continuou, não existe simplesmente para receber queixa de actos violentos, mas também para aconselhar os casais a dialogar, a conviver em família.

“Nós estamos aqui para ajudar os casais, para evitar que cheguem a ter comportamentos violentos. É importante que, quando a situação começa a correr mal, peçam ajuda aos familiares mais idóneos ou mesmo à nossa organização. Estamos aqui para apoiar as famílias”, alertou. **YS**



MARIA ISABEL JOSÉ
FORÇA DE VONTADE
E DISCIPLINA

"Normalmente, levanto-me às 4 horas da madrugada e tudo na vida só avança com ordem, disciplina e organização. O combate a pirataria, violação das normas marítimas, das pescas, sanidade marítima, e acções de busca e salvamento, fazem parte da nossa missão".



EMÍLIA DE SOUSA
BARREIRAS IMPOSTAS
SUPERADAS COM CORAGEM

"Tínhamos de correr 10 quilómetros e dar muitas cambalhotas. A maioria das mulheres passavam com facilidade nos cursos teóricos, mas na prática era difícil superar as barreiras impostas. Os homens não aceitavam ver mulheres a desempenhar as mesmas tarefas, tal como eles".

POLÍCIA FISCAL

MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Mulheres no comando da vigilância aduaneira

A Polícia Fiscal, unidade especializada do Comando Geral da Polícia Nacional, assegura a fiscalização das mercadorias que entram, transitam e saem do país. Congrega no seu seio 803 mulheres. Deste número, 43 ocupam cargos de chefias.



**JOCELINE DA SILVA
ESPECIALISTA EM MERGULHO**

“Exerço esta função há dois anos e o salvamento de alguém é dos acontecimentos que não esqueçamos. Regra geral prefiro mergulhar quando o mar está relativamente calmo, no final do dia procuro não levar os problemas do serviço para casa. Se pudesse guardaria o meu material de mergulho dentro de casa, pois sinto-me bem com ele por perto”.



**MIRIETTE FERREIRA
PAIXÃO PELA PROFISSÃO**

“Entrei no quadro civil do Ministério do Interior em 1999 e estou há cinco anos na Polícia Fiscal. Muito daquilo que sei, aprendi durante a frequência de cursos, como por exemplo, de refrescamento de carreira de tiro, manutenção física, e de fiscalização externa”.

Carla Bumba

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Efectiva do quadro permanente da Polícia Fiscal há 11 anos, em serviço, Glória Artur, é o que na gíria se denomina “um osso duro de doer”. Ela leva a sério a vigilância e fiscalização de mercadorias que entram, transitam e saem do país.

A natureza do trabalho que desenvolve não assusta Glória Artur, antes olha para a prevenção e combate da imigração ilegal e contrabando de combustível, como questões de defesa da integridade e soberania do país. “Nunca estive nos meus planos ingressar na Polícia Fiscal, mas, depois de entrar não demorou até me identificar com o trabalho, embora na época, houvesse resistência dos homens em trabalhar com mulheres”, lembra.

Casada e mãe de três filhos, Glória Artur é Navegante-Patrão de lancha e não esconde a paixão pelo mar. À reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, confessou ter batalhado durante anos para ser aceite na área de navegação. As sucessivas acções de formação foram determinantes.

Neste percurso, Glória Artur, guarda um momento especial: “durante a visita de uma comitiva do governo da Zâmbia, recebi um diploma de mérito pelo meu desempenho durante a escola marítima”, recorda.

Há mais de duas décadas no Ministério do Interior e há dois na Polícia Fiscal, Maria Isabel José, superintendente e directora adjunta da escola de Fiscalização Externa Tributária, é a imagem de uma mulher comprometida com o dever.

“Normalmente levanto-me às 4 horas da madrugada. Moro distante do serviço, mas adoro o trabalho que faço. Tudo na vida só avança com ordem, disciplina e organização”, disse.

Metodologicamente, a acção da Polícia Fiscal é da exclusiva responsabilidade da Administração Geral Tributária que, para o efeito, emite instruções de carácter técnico-aduaneiro. Maria Isabel José realça o contributo das mulheres da corporação, no asseguramento das repartições fiscais e no combate às infracções tributárias. “O combate à pirataria, violação das normas marítimas, das pescas, sanidade marítima, e acções de busca e salvamento, fazem parte da nossa missão”, detalhou.

A entrada de Maria Isabel José à Polícia Nacional aconteceu por mero acaso, por quanto, confessou, o seu sonho sempre foi formar-se em Direito. Mas, um concurso público realizado pela Polícia mudou o curso da sua formação académica, tornar-se na primeira mulher licenciada em Ciências Policiais.

“Passei no concurso público, depois, com outros colegas, seguimos para Portugal para frequentar o curso superior de Ciências Policiais e Segurança In-

terna. Nunca antes alguma angolana tinha frequentado tal formação. Eu era a única mulher. O meu desempenho levou a que, no ano seguinte, enviassem mais duas colegas”, disse.

DISCIPLINA E DEDICAÇÃO

O ingresso de Emília de Sousa ao quadro operacional da Polícia Fiscal, não foi obra do acaso. Até a sua inserção, integrou durante 10 anos o quadro de trabalhadores civis. O teste físico de avaliação a que foi submetida tornará-na mais disciplina, organizada e dedicada ao trabalho. Actualmente, Emília de Sousa que exerce a função de chefe da repartição de informática por pouco não desistia. “Tínhamos de correr 10 quilómetros e dar muitas cambalhotas. A maioria das mulheres passavam com facilidade nos cursos teóricos, mas na prática era difícil superar as barreiras impostas”, recorda e salienta que a determinação falou mais alto.

Emília de Sousa faz parte do primeiro grupo de mulheres a entrar no quadro operacional da Polícia Fiscal. Ele integra os homens no conjunto de barreira que tive de transpor, numa época em que o preconceito era maior. “Os homens não aceitavam de bom grado ver mulheres a desempenhar as mesmas tarefas, tal como eles”, explica.

“Passei no concurso público, depois, com outros colegas, seguimos para Portugal para frequentar o curso superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. Nunca antes alguma angolana tinha frequentado tal formação. O meu desempenho levou a que, no ano seguinte, enviassem mais duas colegas”

Porém, ao longo destes anos e em meio de adversidades, “A Polícia tem sido uma escola. Muito daquilo que sei, aprendi durante a frequência de cursos, como por exemplo, de refrescamento de carreira de tiro, manutenção física, e de fiscalização externa”, reconhece.

O percurso de Miriette Ferreira pouco difere das suas colegas. Entrou no quadro civil da Polícia Nacional em 1999 e há cinco anos trocou de “posto”. Licenciada em Saúde Pública e Análises Clínicas, desempenha a função de chefe da repartição de abastecimento de meios médicos da Polícia Fiscal.

“Como polícia, gosto de fazer de tudo um pouco. Em todas áreas existem dificuldades. Mas, é nossa obrigação encontrar soluções”, realçou.

ESPECIALISTA EM MERGULHO

Embora a Polícia Fiscal possua um número aproximado de mil mulheres no quadro de pessoal, a instituição conta com uma única especialista em mergulho.

De seu nome, Joceline da Silva, a jovem que exerce a função há dois anos, não esconde a satisfação por conseguir auxiliar vidas humanas dentro e fora do lar, através de um plano de trabalho, por si, previamente concebido.

“No final do dia procuro não levar os problemas do serviço para casa. Se pudesse guardaria o meu material de mergulho dentro de casa, pois sinto-me bem com ele por perto”, disse.

Ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, a mergulhada-

ra informou que, para entrar no mar, possui um kit composto por botija, garrafa, máscara, luvas, barbata- nas abertas e fechadas, e cin- to de peso.

De altura média e magra, Joceline da Silva carrega consigo um “mar” de aconteci- mentos bons e ruins, fruto da profissão. Mas, o salva- mento de um jovem, em risco de afogamento, é o acontecimento que não lhe sai da memória. Já se passou algum tempo, mas Joceline da Silva ainda se emociona quando detalha o salva- mento. “Fi-lo no cumprimento do meu dever como polícia, cidadão e mãe, é um momento que ficará marca- do para sempre na minha memória”, ressalta.

Joceline da Silva que, regra geral, prefere mergulhar quando o mar está relativamente calmo dá a conhecer o seu plano de treino: “segunda, quarta e sexta, das 8 horas às 12 horas, enquanto à quinta e sábado das 10 às 14 horas”.

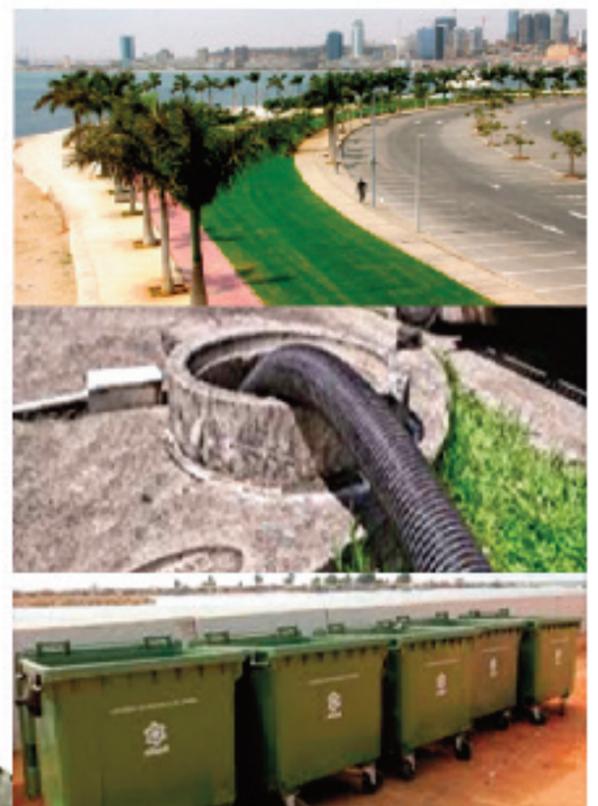
CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



DETERMINAÇÃO O asseguramento e combate à violação das normas marítimas tem o contributo de mulheres integradas na Polícia Fiscal



elisal



- ✔ SERVIÇOS DE DESOBSTRUÇÃO DE SARJETAS
- ✔ ALUGUER DE BALNEÁRIOS E CONTENTORES
- ✔ SERVIÇOS DE SANEAMENTO
- ✔ RECOLHA DIRIGIDA
- ✔ LIMPEZA DIRIGIDA
- ✔ ATERRO SANITÁRIO DOS MULENVOS
- ✔ SERVIÇOS DE JARDINAGEM

**NÃO DEITE
LIXO NAS
SARJETAS**

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização e deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos municípios.



ELISAL, PARA UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)
 Caixa Postal 378 Luanda - Angola
 Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95
 E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao
 www.elisal.co.ao



CONFERÊNCIA O FUTURO DA HABITAÇÃO

Os participantes à conferência sobre "O futuro da habitação social em Angola: Que papel para o sector privado", consideraram exorbitantes os preços das habitações sociais construídas pelo Estado. Segundo disseram, temos um mercado com disfunções muito sérias e preços especulativos.



RODRIGO MANSO PREÇO PARA TODO O BOLSO

"As casas sociais são aquelas que, providas de condições urbanísticas aceitáveis, como arruamentos, sistema de esgotos, água e luz, são construídas utilizando um modelo cujo preço final esteja de acordo com a capacidade financeira dos cidadãos com rendimento baixos. O conceito de centralidade não é apenas visto numa óptica de luxo".

REGISTO PREDIAL

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Valor dos emolumentos inviabiliza regularização de imóveis

São consideradas residências sem regularização aquelas que não estão registadas em cartório.



Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O elevado custo dos emolumentos está a dificultar a regularização de imóveis nas centralidades, urbanizações e outros projectos habitacionais existentes no Distrito Urbano do Zango, município de Viana. Esta informação foi prestada pela conservadora do Registo Predial, Edna Silva, durante a conferência que analisou "O futuro da habitação social em Angola: Que papel para o sector privado", promovido pela empresa Imogestin em parceria com o Jornal Expansão.

A prelectora enquadrou na mesma situação os edifícios e moradias construídos na época colonial e que foram

confiscados pelo Estado. "São consideradas residências sem regularização, aquelas que não estão registadas em cartório, que possuem apenas contratos de compra e venda, os chamados contratos "de gaveta", ou ainda aquelas situadas em áreas irregulares", caracterizou Edna Silva.

A conservadora do Registo Predial esclareceu falta do registo faz com que os imóveis não pertençam, efectivamente, ao proprietário, que, por exemplo, fica impedido de solicitar financiamento, tendo o imóvel como garantia.

A conservadora do Registo Predial anunciou que está em curso um projecto de regularização do património habitacional do Estado que recai sobre os prédios do casco



**AMARILDO VAN-DÚNEM
REPRESENTANTE DA IMOGESTIN**

“Com as dificuldades económicas que atingiram toda a classe trabalhadora do país, está cada vez mais difícil vender uma moradia. É muito difícil manter o formato inicial porque a situação macroeconómica está delicada. Para contornar a situação, a Imogestin vai reforçar o sistema de arrendamento, venda faseada e rendas resolúvel”.



**PROJECTO NOVA VIDA
MUDANÇA DE ESTRATÉGIA**

O projecto Nova Vida para o qual, na segunda fase, o Executivo investiu 150 milhões de dólares, houve a necessidade de mudança de estratégia. Começou a ser parcialmente subvencionado em infra-estruturas e realojamento. Agora se concluiu que a sustentabilidade está no ajustamento dos preços no mercado.

urbano e as moradias das novas urbanizações e centralidades.

“A regularização do imóvel é feita com base na tramitação que conduz à obtenção da escritura e do título de propriedade”, disse, apontando a desistência de grande parte dos interessados, geralmente por falta de capacidade financeira, como um dos factores que inviabiliza o processo.

Para demonstrar que a indisponibilidade financeira dos pretendentes aos imóveis é o maior entrave para chamarem a si a titularidade dos mesmos, a conservadora do Registo Predial, explicou que, por exemplo, na Centralidade do Kilamba, alguns dos moradores com processo completo, quando confrontados com o valor dos imóveis, reclamam por considerarem elevados os custos dos emolumentos. Por outro lado, esclareceu que os moradores em regime de renda resolúvel devem obedecer a procedimentos próprios para regularizarem os seus imóveis.



CONSERVADORA Edna Silva

**POSTOS DE SERVIÇOS PARA
REGULARIZAR IMÓVEIS**

O Luanda, *Jornal Metropolitano*, apurou que, para acelerar o projecto de regularização de imóveis, vão ser instalados, nos municípios e distritos, postos de serviços, equiparados ao Guiché Único de Empresa, com representação de todas as entidades que intervêm do processo.

Funcionário dos serviços de notariado, Amorbelo Vinevala defendeu, durante a conferência da imogestin, um processo de regularização imobiliária que dê ao cidadão a garantia de compra e compreenda a uniformização dos procedimentos, a consciencialização das instituições e formalização dos processos.

HABITAÇÃO SOCIAL

Os participantes à conferência sobre “O futuro da habitação social em Angola: Que papel para o sector privado”, ouvidos pelo *Luanda, Jornal Metropolitano*, consideraram exorbitantes os preços das habitações sociais construídas pelo Estado.

José Francisco, membro da organização não-governamental - DW, acredita que oito milhões de kwanzas por uma casa social, não correspondem ao rendimento médio da maioria dos cidadãos angolanos. Por isso, pede um período mais alargado para que o interessado possa ter poder aquisitivo. “O cidadão deve ter um período alargado para que possa ter condições de pagar as prestações do imóvel”, sugeriu.

O arquitecto Lucas Salombe, por sua vez, discorda e acha que, antes de qualquer política habitacional o Executivo devia, antes, resolver o problema do desemprego. “Primeiro deve-se adoptar uma política de redução do desemprego, porque sem emprego muito dificilmente o cidadão vai conseguir ter uma casa ou uma vida digna, ainda que possua uma casa”, disse.

Lucas Salombe dá exemplos do que acontece nas centralidades do Kilamba e do Sequele: “Por isso é que, nessas centralidades, ouvimos recorrentes reclamações de falta de pagamento das prestações dos apartamentos e das taxas de condómino. Muitos deixaram de pagar, porque passaram à condição de desempregados”. Quem partilha da mesma opinião é a estudante universitária Lucrécia Lopes. Todos os cidadãos, primeiramente têm direito a um emprego e os projectos habitacionais deveriam ser elaborados de acordo com a tabela salarial vigente.

Já Lázaro Pires critica o preço de venda das casas nos projectos habitacionais em Luanda. Ele considera que a política habitacional em Angola não leva em conta os cidadãos de baixa renda. “Antes, deviam analisar quanto ganha a classe trabalhadora ao invés de estarem a vender casas a preços exagerados”, disse indignado.

Gabriel Santana, funcionário público, alinha no mesmo diapasão: “O problema da habitação em Luanda é antigo. O preço de uma moradia é bastante elevado e os salários baixos. O funcionário público mal consegue suportar despesas básicas, quanto mais fazer face aos custos de uma casa”.

MORADIAS ACESSÍVEIS

O director geral da Kora Angola, Rodrigo Manso, entende que o valor ideal para uma casa social deve ser mais acessível ao bolso do cidadão. E pede para que o Executivo trabalhe para controlar os preços de comercialização das habitações. “Temos um mercado com disfunções muito sérias e preços especulativos”, disse

Rodrigo Manso, acrescentando que o Estado deve actuar no sentido de proteger os cidadãos com menos posses.

O interlocutor do *Luanda, Jornal Metropolitano*, realçou a importante do

Fundo de Fomento Habitacional que foi criado pelo Executivo para garantir aos cidadãos 80 por cento do valor do crédito para a compra de uma residência.

Na opinião de Rodrigo Manso, a primeira função passa por promover a habitação social, apoiando a construção de casas sociais para a população mais carenciada. “As casas sociais são aquelas que, providas de condições urbanísticas aceitáveis, como arruamentos, sistema de esgotos, água e luz, são construídas utilizando um modelo cujo preço final esteja de acordo com a capacidade financeira dos cidadãos com rendimento baixos”, disse.

Rodrigo Manso defendeu que o conceito de centralidade não é apenas visto numa óptica de luxo. Apontou à Centralidade do Kilamba, onde também foram desenvolvidos projectos de casas sociais, o que permitiu que não houvesse segregação em termos de classes sociais.

**IMOGESTIN OPTA
EM RENDA RESOLÚVEL**

Com as dificuldades económicas que atingiram toda a classe trabalhadora do país, está cada vez mais difícil vender uma moradia. Segundo o arquitecto Amarildo Van-Dúnem, representante da empresa Imogestin, gestora do projecto Nova Vida e das centralidades a nível nacional, “é muito difícil manter o formato inicial porque a situação macroeconómica está delicada”, considerou. Para contornar a situação, o arquitecto anunciou que a Imogestin vai reforçar o sistema de arrendamento, venda faseada e rendas resolúvel.

Falando na conferência sobre “O futuro da habitação social em Angola: Que papel para o sector privado” Amarildo

Van-Dúnem disse que durante 20 anos de existência a Imogestin mostrou ser capaz de efectivar os desafios pelos quais se dispôs. Citou o projecto Nova Vida, em Luanda, para o qual, na segunda fase, o Executivo investiu 150 milhões de dólares. “Depois houve a necessidade de se mudar de estratégia, o projecto começou a ser parcialmente subvencionado em infra-estruturas e realojamento. Posteriormente, fez-se uma

apreciação chegou-se a conclusão para que o projecto fosse sustentável era obrigatório ajustar os preços ao mercado, o que reduziu a subvenção do Estado”, esclareceu Amarildo Van-Dúnem.

De acordo o representante da Imogestin, a partir desta decisão, “o Estado nunca mais injectou recursos”, apesar de estarem no orçamento 61 milhões de dólares, sendo que, o projecto já consumiu 415 milhões de dólares.

“A primeira função passa por promover a habitação social, apoiando a construção de casas sociais para a população mais carenciada.

O conceito de centralidade não é apenas visto numa óptica de luxo.

O Kilamba, é onde também foram desenvolvidos projectos de casas sociais, que permitiu que não houvesse segregação em termos de classes sociais. Onde as casas sociais são aquelas que, providas de condições urbanísticas aceitáveis, como arruamentos, sistema de esgotos, água e luz”, disse Rodrigo Manso.



DEBATE O futuro da habitação social em Angola reuniu especialistas de diferentes áreas



PRESTAÇÕES MENSAS REDUÇÃO DE RENDIMENTO AUMENTOU DÍVIDAS

Até 2015, muitos residentes das centralidades pagavam normalmente as prestações mensais. Hoje, por exemplo, Deny que vive no Kilamba, faz serviço de táxi com a própria viatura. O jovem assumiu que o seu poder de compra caiu e, por isso, está em dívida desde 2017.



RESENDE DE OLIVEIRA CENTRALIDADES NÃO FUNCIONAM

“Eu não sei quem é que teve a ideia de fazer centralidades, porque, efectivamente, a centralidade não funciona: não há ocupação, é notória a ausência de serviços, enfim, uma vida que não permita ter um emprego para quem ali vive”.

ENCARGO FINANCEIRO

MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Custo de vida afugenta moradores de centralidades

Diante de tantas despesas, muitos moradores optam em alimentar-se, pagar a televisão, telefone, energia, água, ao invés de dar prioridade à prestação mensal da casa, atendendo que o poder de compra reduziu consideravelmente, desde que se instalou a crise económica e financeira no país. Outros há, que deixaram para trás os apartamentos devido à distância e dinheiro que gastavam no combustível. Em alguns casos, o valor rondava os 50 mil kwanzas por mês.

Nilza Massango
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Pagar a prestação mensal da casa, energia e água, escola dos filhos, combustível, taxa de condomínio, taxa do lixo, Imposto Predial Urbano, transporte, alimentação, telefone e televisão são despesas que, cada vez mais, arrasam com o bolso e tiram o sono de muitos moradores das novas centralidades, principalmente, de quem perdeu o poder de compra, desde que se instalou a crise económica e financeira no país.

Deny mora no Kilamba desde 2013. Quando para lá foi viver, trabalhava numa empresa de dragagem marítima, onde auferia um salário de 170 mil kwanzas, o que lhe possibilitou inscrever-se na centralidade. Até 2015, pagava normalmente as prestações mensais, até que ficou desempregado, devido à crise. Hoje, Deny faz serviço de táxi com a própria viatura e assumiu que o seu poder de compra caiu e, por isso, está em dívida desde 2017.

“O Governo era o maior cliente da empresa onde eu trabalhava e, devido à crise, deixou de contratar os serviços dela. A empresa entrou em contenção de despesas e vários funcionários foram obrigados a pedir a conta”, disse.

O morador revelou que tem atraso no pagamento da prestação mensal da casa e dois meses da taxa de lixo. Mas não é o único em falta. Afirma que alguns vizinhos seus até hoje não conseguem liquidar as primeiras prestações, porque ficaram desempregados.

“Com a crise, muitas empresas fecharam e as indemnizações não foram as melhores, porque a nova Lei Geral do Trabalho não protege o empregado como deve ser”, referiu.

Deny é casado e tem os três filhos a estudar no Brasil. Ele é de opinião que o Governo não pode simplesmente dizer que vai penalizar os que nunca pagaram, quando nunca se procurou saber a razão de tantos moradores faltarem ao compromisso assumido.

De acordo com o morador, desde que perdeu o emprego, ficou difícil pagar todas as contas, inclusive a prestação mensal, que pensa ser alta demais.

“Eu pago as prestações mensais quando puder e penso que, enquanto o Governo não achar um meio-termo, que seja alongar os anos de prestação, já que não se pode baixar o preço das habitações, vão surgir mais moradores em dívidas”, defendeu.

O morador paga mensalmente 34.804 Kwanzas pelo T3 simples, seis mil pela taxa do condomínio, 2.500 pela taxa do lixo, cinco mil pela energia eléctrica (pré-paga), quatro mil pela água e 10 mil Kwanzas anual pelo Imposto Predial Urbano.

“Contando com o dinheiro que envio aos filhos no exterior, os gastos com a alimentação, manutenção da viatura



MORADORES AGASTADOS MUDANÇA DE CASA É SOLUÇÃO

Com a crise, muitas empresas fecharam e as indemnizações não foram as melhores, porque a nova Lei Geral do Trabalho não protege o empregado como deve ser. O problema obriga que muitos cidadãos mudem de residência, por causa dos altos custos de manutenção.



CIDADE DO KILAMBA SERVIÇOS SÃO CAROS

Para que a centralidade funcione de modo adequado é preciso que vários serviços sociais estejam a disposição dos moradores. Para quem vive do salário estes serviços são muito caros. Por exemplo, um morador paga mensalmente, entre outros, 34.804 Kwanzas pelo T3 simples, seis mil pela taxa do condómino e 2.500 pela taxa do lixo.

ra, combustível, televisão, telefone, o rendimento que ganho na actividade de táxi não chega para cobrir todas as contas e você fica proibido de adoecer", disse. Acrescentou que muitos moradores do Kilamba estão na condição de fazer táxi com viaturas próprias para sobreviverem.

"O Governo age sem dar uma oportunidade ao cidadão. Entregam os apartamentos e ao mesmo tempo colocam-te uma corda ao pescoço", lamentou.

MUITOS DESISTEM DO KILAMBA

Ao contrário de Deny, Anacleto Alexandre desistiu do Kilamba, porque as despesas revelavam-se cada vez mais altas. Gastar cerca de 45 mil kwanzas, todos os meses, só de combustível para a viatura, fez com que o jovem trabalhador deixasse para trás o seu apartamento T3 A e voltasse a viver na periferia da cidade capital.

Ele revelou que paga, mensalmente, uma prestação de 43 mil kwanzas e, com os outros gastos, não compensava viver no Kilamba. Também tem atraso nas prestações. Ainda por causa das despesas, teve de anular a matrícula na universidade. O jovem disse ainda que as despesas aumentam com cada vez mais impostos, taxas e outras contas, mas que o salário continua o mesmo de há cinco, dez anos atrás.

Anacleto aguentou quatro anos no Kilamba, período que considerou de "sufoco, quando o assunto era pagar as contas do mês". Disse que, além do valor da prestação mensal, tinha o factor distância (Kilamba – Mutamba e vice-versa, todos os dias), que consumia muito combustível e exigia manutenção permanente da viatura.

"Ao construir o tipo de habitação das centralidades e a praticar os preços que pagamos, penso que o Estado não pensou na classe que, realmente, precisava, no poder de compra dos cidadãos, na distância e na falta de transportes públicos", frisou.

Ângela Mingas, por seu lado, confessou à nossa reportagem que, diante de tantas despesas, opta em alimentar-se, pagar a televisão, telefone, energia, água, ao invés de dar prioridade à prestação mensal da casa, um valor que já acha absurdo. A jovem, funcionária pública, também deixou para trás o seu apartamento T3 no KK 5000, por causa da distância e do dinheiro que gastava no combustível. O valor rondava os 50 mil Kwanzas por mês.

"Voltei a viver na baixa da cidade, por causa da distância e do custo alto que era viver no KK 5000. Confesso ainda que estou em atraso no pagamento de algumas prestações da casa. Mensalmente, tenho de pagar 34 mil kwanzas, um valor contraditório. Se vão alargar os anos de pagamento que o façam já, porque muitos moradores perderam o poder de compra nesses últimos três anos", defendeu Ângela.

SOLUÇÕES DE BAIXO CUSTO

Numa conferência sobre habitação social, promovida, há cerca de uma semana, pela Imogestin, Carlos Figueiredo, da ADRA, falou sobre a necessidade de habitação em Angola e do acesso à terra que é massivo. O prelector, que participou na mesa redonda, disse ainda que só é possível responder rapidamente a essa necessidade com soluções de baixo custo.

"Sempre que formos para soluções mais caras, estaremos na realidade a decidir que vamos servir melhor uns e deixar muitos sem serviços ou sem solução nenhuma", referiu, Carlos Figueiredo, que acredita que, para servir muita gente, a solução tem de ser a mais económica possível.

Por seu lado, o arquitecto António Gameiro, outro interveniente no evento, afirmou que o preço que se cobra numa habitação ou casa tem muito a ver com o tamanho e com o que se gasta na construção. "O valor das casas nas centralidades é cobrado abaixo do custo de construção", disse.

Questionado sobre a qualidade das casas, respondeu que, do ponto de vista de habitabilidade, respeita padrões de qualquer casa no mundo.

"O que acontece é que essas casas não reflectem muitas vezes os nossos hábitos e costumes. Elas não estão projectadas para aquilo que é o nosso habitar. Nós não vivemos dentro da casa, mas sim fora, no alpendre. Passamos o dia debaixo da sombra da árvore. E quando queremos fazer uma habitação massiva, não nos podemos dar ao luxo de fazer grandes casas", referiu.

António Gameiro disse ainda que as centralidades são habitações de nível médio e que quem tem um salário mínimo não pode comprar uma casa nelas.

"Para comprar uma casa nas centralidades, o cidadão tem de ter um salário mensal de pelo menos 50 mil kwanzas, que vai pagar num espaço de 25 a 30 anos", disse Gameiro.

Questionado sobre as centralidades serem ou não habitações sociais, Amarildo Van-Dúnem, da Imogestin, disse, por seu lado, que, de acordo com a lei, as habitações sociais estão divididas em totalmente subvencionadas e parcialmente subvencionadas. E os projectos habitacionais do Estado são claramente subvencionados. Por isso, não há dúvidas de que se trata de projectos sociais. "As casas nesses projectos sociais do Estado são vendidas abaixo do seu custo de construção", justifi-

ficou Amarildo Van-Dúnem, quando questionado sobre os preços estipulados das habitações nas centralidades.

NM

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



KILAMBA Despesas de manutenção revelam-se cada vez mais caras

CENTRALIDADES SÃO UM DESASTRE, DIZ ENGENHEIRO RESENDE DE OLIVEIRA

Em entrevista ao *Jornal de Angola*, na qual se pronunciou sobre as várias construções que surgem na cidade capital, o engenheiro Manuel Resende de Oliveira definiu as centralidades como um desastre, onde nada funciona.

"Eu não sei quem é que teve a ideia de fazer centralidades, porque, efectivamente, a centralidade não funciona: não há ocupação, é notória a ausência de serviços, enfim, uma vida que não permita ter um emprego para quem ali vive. Isso implica a deslocação das pessoas para os sítios do emprego, que continua a ser na Luanda velha".

Manuel Resende de Oliveira questionou-se ainda sobre o que se pretendeu com a construção das centralidades, se foi para alojamento, habitação para as pessoas e para que tipo de pessoas.

Ministro do Urbanismo, Obras Públicas e Habitação, no primeiro Governo da Angola independente, o engenheiro afirmou que não há habitação social num 10º andar, porque os custos de viver num prédio de 15, 20 ou mais an-



ESPECIALISTA Manuel Resende

dares, onde os elevadores não funcionam, o abastecimento de água, bombagem, custos do condomínio e tudo isso, não é pensável que uma centralidade possa ser um local para habitação social. "Definitivamente, as centralidades não são para resolver os problemas da habitação social; não têm características para isso. Por isso, não me atrevo a idealizar Luanda, porque, no estado em que ela está, vai ser preciso partir muita coisa para se fazer uma Luanda, uma cidade do futuro, governável, onde haja qualidade de vida, onde as pessoas tenham prazer de viver", rematou.

NM

ESTENDER O PRAZO DE PAGAMENTO

Numa entrevista ao *Jornal de Angola*, a ministra do Ordenamento do Território e Habitação, Ana Paula de Carvalho, disse que, diante de muitas queixas que se prendem com os valores das moradias taxados inicialmente, houve uma concertação, no sentido de se estender o prazo de pagamento do sistema de renda resolúvel que actualmente varia de 20 a 25 anos, para até 30 anos.

A alteração significa que os moradores das centralidades vão poder pagar menos, mas por um período mais alargado.

NM

CONTEIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



GOVERNANTE Ministra Ana Paula de Carvalho

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464

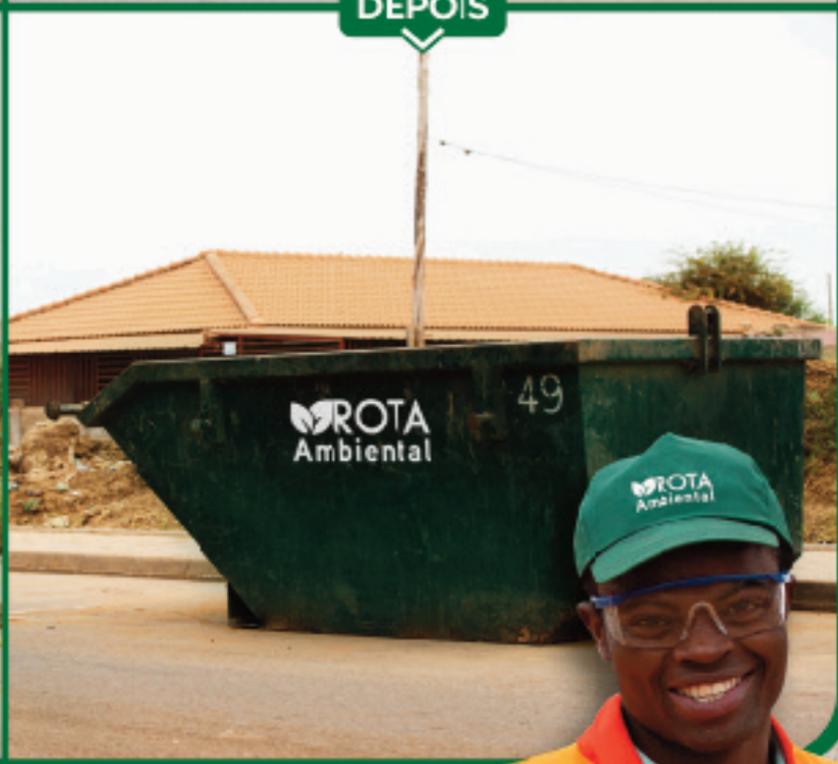
QUANDO A ROTA AMBIENTAL PASSA NA TUA RUA, TODA A GENTE PERCEBE.



ANTES



DEPOIS



**COLABORAR COM O TRABALHO DA ROTA AMBIENTAL
É BEM SIMPLES: BASTA DEITAR O LIXO NOS CONTENTORES.
FAZ A TUA PARTE!**

**TODOS JUNTOS FAZEMOS DE CACUACO
UM SÍTIO MELHOR PARA SE VIVER!**





KARL MARX CENAS AO LIVRE

Projectado e construído na década de 1960, por João Garcia Castilho, o Cine Karl Marx (ex-Cinema Avis), localizado na rua Oliveira Martins, no bairro Alvalade, foi concebido para funcionar como cine-esplanada, para permitir a visualização de filmes ao ar livre.



TEATRO NACIONAL REFERÊNCIA DA CAPITAL

Localizado em pleno centro histórico da cidade, o Cine-Teatro Nacional, construído em 1932, foi a primeira sala de cinema e teatro a ser construída em Luanda e é considerada, ainda hoje, uma referência como equipamento cultural da cidade.

SÉTIMA ARTE

DOMBELE BERNARDO E INSTITUTO GOETHE | EDIÇÕES NOVEMBRO



O fim das velhas salas de cinema que contam histórias de Luanda

Luanda já teve cinemas e cinemas. A realidade hoje é completamente diferente e está longe dos tempos em que a cidade possuía mais de uma dezena de lugares para a exibição de filmes. Uns foram transformados em armazéns e espaços religiosos. Outros viraram albergue para prostitutas e drogados. Mau destino não teve o Cine N'Gola, até agora o único, cuja reabilitação está na fase final, prevendo-se a reabertura ainda para o próximo mês.

Domingos dos Santos
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

“Guardo boas recordações das idas ao cinema”, conta Eduarda Manuel, 55 anos, que, parada defronte ao cine Karl Marx, esboça um sorriso no rosto e um brilho no olhar, como sinal de quem tem saudade dos tempos que já lá vão.

“Cresci a ir ao cinema com os meus irmãos e amigos. Era assim quase todos os dias”, lembra a funcionária pública. Infelizmente, ela não é a única que sente falta do ritual de ir ao cinema. O sentimento é comum entre muitas outras pessoas que assistiam filmes em salas que existiam em bairros de Luanda, como Cazenga, Neves Bendinha, Alvalade, Ingombota, Rangel, Vila Alice, São Paulo, entre outros. Eram lugares diferentes dos actuais shoppings, onde hoje estamos habituados a ir ver filmes.

Ernesto Vieira dos Santos também foi frequentador assíduo do Cine Karl Marx, nos anos 1990, numa época em que de Internet sequer se ouvia falar e o Jornal de Angola e a Rádio Nacional de Angola eram os únicos espaços que anunciavam os filmes em cartaz. Hoje, com 39 anos, ele lembra que ir ao cinema era um ritual que já fazia parte da rotina dos adolescentes e jovens da época, que esgotavam os bilhetes das salas de cinemas.

“Aos sábados à noite, eu e alguns amigos saíamos para ir ao cinema. O cinema também é cultura. Os filmes também nos ensinam muita coisa. Dependendo de quem vê, essa influência pode ser positiva ou negativa”, sublinha.

Projectado e construído na década de 1960, por João Garcia Castilho, o Cine Karl Marx (ex-Cinema Avis) foi concebido para funcionar como cine-esplanada, e permitir a visualização de filmes ao ar livre. Localizado na rua Oliveira Martins, no bairro Alvalade, a sala do Karl Marx, com capacidade para 1.302 pessoas sentadas, tem cobertura metálica em toda a dimensão. É uma construção simples, cuja estrutura apenas assenta nos topos do edifício, garantindo que os grandes vãos laterais facilitem o arejamento do espaço em dias de calor. A plateia, ligeiramente inclinada, divide-se em três balcões e o acesso principal é feito através do lado de maior quota, junto às bilheteiras. Na zona onde eram projectados os filmes existe um generoso palco, conferindo uma versatilidade a este equipamento. Além da divulgação de filmes, era possível assistir a outro tipo de espectáculos, como teatro, dança ou canto.

Se, no centro da cidade, as salas de cinema estão fechadas ou deixaram de exhibir filmes, na periferia, o cenário não é diferente. A decadência também atingiu, de forma mais drástica, o Cine África, que se encontra fora de uso



**CINE SÃO PAULO
BOA QUALIDADE**

Com capacidade para 820 pessoas, este cine encerrou ao público em 1997, tendo ficado inactivo durante cerca de 15 anos. Edifício imponente pelo volume da sala, é encerrado no topo por um plano inclinado. O cine foi a atracção para muitos cidadãos, que aproveitavam o descanso para assistir a bons filmes.



**MIRAMAR
CINEMA INTEGRADO**

Localizado a sul do Porto de Luanda, o cinema está integrado num complexo que conta com equipamentos de apoio, espaços ajardinados e ainda uma ampla zona de estacionamento exterior. Todo o cinema se encontra no exterior, podendo, por isso, ser considerado como anfiteatro.



DESTINO Apesar das dificuldades salas há que mantêm-se como referência de equipamento cultural da cidade

e sem perspectivas de ser recuperado.

Encravado no interior do bairro Hoji ya Henda, município do Cazenga, o Cine África possui capacidade para 754 pessoas. O espaço, que outrora já foi considerado uma "reliquia" do bairro, está hoje abandonado e os equipamentos viraram morada de ratazanas que já começam a invadir as residências ao redor.

Mário Domingos, 49 anos, lembra que o Cine África era o local ideal para momentos de diversão dos jovens, que aproveitavam para rever amigos e namorar. Nostálgico, ele lamenta o facto do espaço estar a ser desperdiçado.

"É um local que está abandonado há muitos anos. Aqui restou apenas um bar que ainda funciona e que serve para afogar as nossas mágoas na bebida. Precisamos de um espaço cultural. Esse sempre foi o único para a nossa diversão", disse.

A obra "Angola Cinemas" do Instituto Goethe da Alemanha refere que o Cine África foi construído para responder à demanda dos cidadãos da população negra, que procurava ter acesso a actividades de entretenimento. Concebido num formato de cine-esplanada, o acesso à sala é feito por meio de escadas laterais, que conduzem à parte superior da plateia e da técnica. Estas encontram-se rematadas por uma grelha pré-fabricada de betão, com um desenho geométrico, constituindo parte da alçada principal do cinema. A primeira plateia é completamente descoberta e a segunda é parcialmente coberta por uma estrutura metálica que faz transparecer elementos volumétricos de secção hexagonal,

revestidos a chapa de fibrocimento.

Estas duas salas são apenas um exemplo de que Luanda já foi cidade de cinema e cinemas. O trabalho de investigação realizado pelo Instituto Goethe da Alemanha confirma isso mesmo. São ao todo 16 salas de cinemas listadas, que, num passado recente, preencheram o imaginário de milhares de pessoas com a exibição de filmes que marcaram toda uma geração. Hoje, infelizmente, a realidade é completamente diferente. Muitos desses espaços estão abandonados, transformados em locais de cultos religiosos, armazéns e albergues para prostitutas e drogados. Deles restou apenas saudades.

Parece mentira, mas é a pura realidade. Hoje, Luanda não passa de um depósito de cinemas-fantasmas. Aliás, as fotografias contidas nessa importante obra confirmam isso. Os que resistem deixaram de exibir filmes e viraram meros espaços para a realização de actividades que nada têm a ver com a Sétima Arte. São salas que hoje são apenas

Encravado no interior do bairro Hoji ya Henda, município do Cazenga, o Cine África possui capacidade para 754 pessoas. O espaço, que outrora já foi considerado uma "reliquia" do bairro, está hoje abandonado e os equipamentos viraram morada de ratazanas que já começam a invadir as residências ao redor.

espaços onde sobra a lembrança de tardes e noites memoráveis. São salas que, embora tenham deixado de exibir filmes, continuam a ser cinemas. Confira aqui alguns desses cinemas.

CINE SÃO JOÃO

Localizado no bairro Neves Bendinha, o Cine São João Possui uma lotação de 452 pessoas. Caracterizado pelas suas famosas matinês aos domingos, foi, durante o seu funcionamento, adaptado ao longo do tempo, de forma a responder às exigências dos seus visitantes.

De planta rectangular, o acesso era feito através de um longo portão de ferro do lado direito. As bilheteiras localizavam-se à esquerda, junto a um grande hall exterior, mas protegido pela cobertura da sala que avança sobre o mesmo hall. Passando a zona de bilheteira e ainda no hall, estaria o bar e só depois se acedia à sala, que, na sua origem, era plana e em bancos de madeira. A robusta cobertura que protege a sala e as zonas envolventes é suportada através de um sistema de pilares ao longo do seu comprimento e é igualmente assente nos volumes, onde se inseria a sala de projecção e, no lado oposto, as instalações sanitárias. Esta solução permitia que as laterais da sala permanecessem livres para efeitos de ventilação e a grande cobertura garantia o adequado escurecimento da sala nas projecções à luz do dia.

CINE MIRAMAR

O Cine Miramar foi construído em 1964 e possui uma lotação de 1.622 pessoas. Localizado a sul do Porto de Luanda, no monte Miramar, o cinema está integrado num complexo que conta com equipamentos de apoio, espaços ajardinados e

ainda uma ampla zona de estacionamento exterior. Todo o cinema se encontra no exterior, podendo, por isso, ser considerado como anfiteatro. Grande parte deste espaço foi construído de betão armado, mas foram ainda incluídas outros materiais, como a alvenaria em pedra ou ainda o azulejo. Todo o desenho da sala se manifesta de uma forma pura, reportando-se a uma linguagem moderna e livre.

A plateia inclinada divide-se em três balcões, com cerca de 540 lugares cada. Além de ser orientada para o plano de projecção, é também possível vislumbrar a baía e o horizonte à esquerda. Este é talvez um dos aspectos mais atractivos deste espaço. A tela de alvenaria e em formato curvo mede cerca de 23 metros de comprimento por nove de altura. Mas o surgimento dos cine-esplanadas foi também uma forma de trazer elegância, ainda mais elegância, ao acto de ir ao cinema. O cine Miramar constitui um bom exemplo – situado no alto da encosta com vista para a Ilha de Luanda, com a Marginal a seus pés. Paradoxalmente, hoje o seu telão está praticamente abandonado, servindo apenas para acolher alguns concertos e actividades lúdicas, com serviço de restaurante-bar em esplanada.

CINE-TEATRO NACIONAL

Localizado em pleno centro histórico da cidade, o Cine-Teatro Nacional, construído em 1932, foi a primeira sala de cinema e teatro a ser construída em Luanda e é considerada, ainda hoje, uma referência como equipamento cultural da cidade. O Cine-Teatro Nacional apresenta-se como uma volumetria sólida que pode ser dividida em duas partes. Sucintamente, o primeiro volume contém o acesso principal e a zona de plateia, e o segundo, mais saliente em altura, comparativamente ao primeiro, compõe a zona do palco e bastidores. A sala tem capacidade para aproximadamente 900 espectadores, 500 lugares na pla-

teia e os restantes repartidos pelos camarotes. A 27 de Setembro de 1994, o Cine-Teatro Nacional foi classificado como património histórico-cultural.

CINE ATLÂNTICO (EX-IMPÉRIO)

O Cine Atlântico, anteriormente conhecido por Cinema Império, foi inaugurado em 1966 e teve como primeira exibição o filme "My Fair Lady" (1964). Este cinema, com 1.489 lugares, ganhou grande popularidade entre os jovens, com a realização, aos sábados à tarde, de festivais de rock, que atraíam milhares de espectadores. Inicialmente, estava previsto ser construído na Baía de Luanda, mas, por não ter sido autorizado, acabou por ser erguido na Vila Alice. Além do desenho arquitectónico, o projecto conta também com esculturas de António Vidigal e pinturas de Neves e Sousa. Esta sala, pensada para um contacto exterior, assume-se num corpo único, vazado dos lados e apenas guardado por uma cobertura em betão armado. Esta é suportada através de tirantes metálicos que se agarram aos pilares dispostos na lateral. No lado do acesso principal, é possível visualizar este sistema estrutural, além de um painel em baixo-relevo que preenche quase toda a fachada. Todos esses elementos fazem transparecer uma linguagem linear e simples onde facilmente se depreendem as diferentes formas que o conjunto articula: a pala, os pilares, o painel de Neves e Sousa ou o local de acesso, por exemplo. A plateia, disposta em três níveis, por não ser encerrada lateralmente, permite tanto a entrada de luz e ventilação, como o vislumbre dos jardins em ambos os lados.

CINE TIVOLI (CORIMBA)

O Cine Tivoli, com 989 lugares, está localizado na rua Francisco Sotto Maior, em pleno Bairro Azul, e foi inaugurado no final da década de 1960, com o filme "Laurence da Arábia" (1962). Inicialmente construído como cine-esplanada, foi pensado numa



CINE ATLÂNTICO POPULAR ENTRE OS JOVENS

Anteriormente conhecido por Cinema Império, foi inaugurado em 1966 e teve como primeira exibição o filme "My Fair Lady" (1964). Este cinema, com 1.489 lugares, ganhou grande popularidade entre os jovens.



CINE N'GOLA ARTISTAS FICARAM FAMOSOS

Frequentado pela classe popular, este equipamento era famoso pelos "espectáculos culturais semanais com artistas angolanos, muitos dos quais se tornaram internacionalmente famosos. Este espaço foi considerado um ícone da cidade. Deve reabrir as suas portas já no próximo mês de Abril.



PATRIMÓNIO O Cine-Teatro Nacional constitui uma referência cultural da cidade

CINE COLONIAL

O Cine Colonial foi construído em pleno bairro São Paulo, em 1940, na rua Vereador Prazeres. Instalado num edifício em estilo moderno, curiosamente a plateia possuía uma zona em bancos corridos de madeira e outra em cimento. O edifício foi demolido e hoje é uma oficina.

"Numa época em que de Internet sequer se ouvia falar e o Jornal de Angola e a Rádio Nacional de Angola eram os únicos espaços que anunciavam os filmes que estavam em cartaz. Aos sábados à noite, eu e alguns amigos saíamos para ir ao cinema. Os filmes também nos ensinam muita coisa positiva ou negativa".

CINE-BAR TROPICAL

O Cine-Bar Tropical, com 688 lugares, é hoje conhecido por Cine-Bar Tropical Dancing. Apresenta ao nível da sua fachada um apelativo letreiro, em paralelo com um frontão recto ao centro. A varanda, no piso superior, abraça toda a fachada principal. Desenvolvido num volume encerrado, possui um jardim exterior. A sala é plana, mas com um generoso ecrã, visível em qualquer lugar da plateia. Além desta, desenvolve-se um balcão, na parte superior que cobre parcialmente a última plateia, junto ao acesso da sala.

CINE SÃO PAULO

Localizado no bairro São Paulo, este cine-teatro foi inaugurado no final da década de 1960. Com capacidade para 820 pessoas, este cine encerrou ao público em 1997, tendo ficado inactivo durante cerca de 15 anos. Edifício imponente pelo volume da sala, é encerrado no topo por um plano inclinado. É neste mesmo volume que se desenvolve a sala de cinema ao longo de um declive.

mente pelo volume da sala, é encerrado no topo por um plano inclinado. É neste mesmo volume que se desenvolve a sala de cinema ao longo de um declive.

CINE N'GOLA

Localizado no bairro Nelito Soares, o Cine N'Gola, com 1.247 lugares, era uma sala ao ar livre, cujo arquitecto se desconhece. Frequentado pela classe popular, este equipamento era famoso pelos "espectáculos culturais semanais com artistas angolanos, muitos dos quais se tornaram internacionalmente famosos. Este espaço foi considerado um ícone da cidade e atingiu o seu apogeu por volta da década de 1990. Depois de muito tempo abandonado, o Cine N'Gola beneficiou de obras de reabilitação, que o transformaram num shopping com sala de cinema e lojas. O Cine N'Gola deve reabrir as suas portas já no próximo mês de Abril, segundo uma fonte da empresa responsável pela sua recuperação.

CINE KIPAKA

Com uma capacidade para 999 pessoas, desconhece-se a data da sua construção. Hoje em dia, o prédio não é mais usado como cinema. Este cinema localiza-se na zona do Porto de Luanda.

CINE-TEATRO RESTAURAÇÃO

Localizado na parte alta da cidade de Luanda, na antiga Avenida do Hospital Josina Machel, hoje rua 1º Con-

gresso do MPLA, o Cinema Restauração foi idealizado e projectado pelos irmãos arquitectos João e Luís Garcia de Castilho. O edifício assume uma volumetria à escala urbana, numa linguagem moderna e geométrica que apenas deixa sobressair numa das extremidades, uma torre que remata com a proporção longitudinal e abstracta. A sala de cinema, inserida num volume perpendicular recuado, tinha uma plateia com cadeiras desenhadas por José Simões Miranda. Ao nível do seu programa, além dessa sala, integrava também um restaurante bar dancing em dois pisos e uma esplanada na cobertura. Este edifício sofreu diversas alterações antes e depois da independência. Até recentemente é onde funcionou a Assembleia Nacional.

CINE KILUMBA

Situado no município de Viana, o Cine Kilumba foi inaugurado em 1969. Edifício de arquitectura em estilo antigo, é um espaço concebido ao ar livre, onde apenas a plateia, instalada num plano inclinado, é coberta para proteger os espectadores. O acesso é feito por um volume rectangular que alberga a bilheteira, uma área técnica, sala do gerador, uma gabinete e uma esplanada com cozinha. Na lateral da sala estão localizadas as instalações sanitárias. A sala propriamente dita tinha, além da plateia, a sala de projecção e um palco junto ao ecrã.

linguagem moderna, ajustada às características de Luanda, podendo ser descrito como um cinema ao ar livre coberto. O edifício organizava-se parcialmente em dois pisos. No piso térreo, abaixo do plano onde começava a plateia, localizava-se a bilheteira, os equipamentos de apoio e o acesso ao primeiro piso. Neste, acedia-se à sala de cinema, onde, igualmente, se encontrava a cabine de projecção e um terraço que permitia vislumbrar o jardim que ocupa o espaço diante do edifício. As laterais da sala são encerradas por brises horizontais em betão pré-fabricado, que permitiam não só a ventilação natural da plateia, como o controlo da luz na própria sala. Ao nível do material, além dos elementos em betão, que descrevem visualmente a estrutura do edifício, também era possível encontrar revestimento em mármore e madeira. O detalhe na aplicação destes materiais conferiu uma excelente acústica a este equipamento.

CINE CAZENGA (EX-CINEMA LIS)

Localizado no bairro Cazenga, este cinema, construído em 1968 e com 696 lugares, foi anteriormente conhecido pelo nome de Cinema Lis. Planificado em cine-esplanada, este espaço detinha uma área de restauração e a plateia era parcialmente coberta. Enquanto esteve em funcionamento, transmitiu filmes como "Onde está o Óscar" (1967) e o "O exterminador" (1980). O actual Cine Cazenga fechou as portas em 1992, por ter ficado bastante danificado durante o conflito armado, passando a servir durante 16 anos como depósito de lixo. Posteriormente, foi reaberto ao público, em Novembro de 2008. Isto porque os autores do filme "Assaltos em Luanda II" (2008) insistiram que o local de estreia se realizasse nesse espaço e, para o efeito, sugeriram a sua recupera-

ção. Durante as obras de reabilitação, foi equipada com cerca de 600 novas cadeiras em plástico, um novo tecto e uma nova pintura. Nos dias de hoje, este equipamento encontra-se em regime de aluguer e tem servido para actividades culturais, como teatro, espectáculos musicais e danças, além de servir como espaço de ensaio para artistas locais.

CINE ALFA 1 E 2

Com uma capacidade para 639 pessoas, os Cines Alfa 1 e 2, para além de ter servido com espaço para exibição de filmes, também serviram como estúdios para programas de televisão. Actualmente, estão ao serviço do Instituto Angolano de Cinema, Audiovisual e Multimédia e da Empresa Edecine (Empresa Distribuidora e Exibidora de Cinema).



ABANDONO Projectado e construído na década de 60, por João Castilho, o cine Karl Marx foi concebido para funcionar como cine-esplanada

ANTES



DEPOIS



Quando todos se ajudam, a cidade fica mais limpa.

Coloca o lixo em sacos e deita no contentor. Um gesto tão simples faz toda a diferença. Colabora!

NOVA
AMBIENTAL

(JML-024A)

JML-024A



DESCASO A INÉRCIA DE UMA ADMINISTRAÇÃO

O "braço de ferro" entre moradores e vendedores está muito longe de terminar. Moradores dizem-se impotentes diante da situação e lamentam o facto da administração Local nada fazer até ao momento para acabar com anarquia que se vive no Nelito Soares.



TERESA CRISTÓVÃO MORADORA DO BLOCO A5

"É impossível falar-se em tranquilidade. É todos os dias assim. Não há sábado nem domingo. A venda na rua Lino Amezaga, no Rangel, é polémica. Há 12 anos, neste prédio, era possível os jovens, depois do serviço, sentarem-se defronte ao edifício. Actualmente, é impossível".

VENDA NOCTURNA

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

À espera dos últimos clientes

Moradores estão agastados com a situação e pedem uma intervenção das administrações municipais

Cristina da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Antes, era preciso madrugar, para ocupar os melhores lugares dos mercados. Mas, actualmente, as comerciantes esperam pelo abrandar do sol, para "tomar" as ruas e passeios para formar as praças que vão até depois das 22 horas.

De há uns tempos a esta parte, algumas ruas e passeios de Luanda são tomados por bancadas improvisadas e transformados em praças a céu aberto, onde o comércio flui das 18 até depois das 22 horas. Rotunda do Camama, Congolenses, Zango I, Golfe 2 ou Benfca são exemplo desta realidade trazida por mulheres, muitas delas a viver fora das localidades.

O cenário é preenchido por zungueiras e comerciantes, que apregoam durante o dia e terminam a actividade num determinado ponto, que lhes possibilita apanhar o táxi para casa em segurança. Outras até mudaram o horário de comercialização: só entram em acção a partir das 16h00, aproveitando o período diurno para cuidar dos afazeres domésticos.

O pôr do sol serve de cronómetro para muitas mulheres começarem a procurar o melhor posicionamento nos passeios e exporem os seus produtos. Em muitas áreas, a ocupação destes espaços públicos começa muito cedo. As praças da noite são formadas em áreas com maior concentração de pessoas

ou, excepcionalmente, paragens de táxi. O movimento, em muitas zonas por onde passou o *Luanda, Jornal Metropolitano*, começa antes mesmo das 16h00. "Até parece que têm código que só elas mesmas sabem, pela forma como as ruas se transformam", conta uma moradora do Zango I, num dos pontos transformados em praça da noite. Enquanto falávamos, o número de vendedoras aumentava. Na sua maioria, eram mulheres e chegavam cada uma com o seu produto. De chinelas, a poeira nas pestanas e nos pés denunciava o árduo trabalho e elevado sacrifício que fazem.

TUDO OU NADA

O movimento e a forma como estão perfilados os comerciantes na rua Lino

Amezaga, no Nelito Soares, Distrito Urbano do Rangel, quase causa estranheza a quem passa, principalmente, aos que não frequentam a zona. Eram 19h20 de 27 de Fevereiro. A passagem dos carros e peões é travada pelas inúmeras bancadas improvisadas, espalhadas em toda a extensão da rua. Até mesmo os moradores são obrigados a pedir licença para poder colocar o carro defronte ao prédio.

Sacos, bacias e caixas marcam o cenário, que inclui bens alimentares como tomate, cebola, peixes e carnes, além de outros que compõem a cesta básica. Entre gritaria e correrias há quem não da muita importância ao adiantado da hora, pois a qualquer momento pode apanhar o famoso candongueiro.





**MANUEL BENTO
ACESSO DIFÍCIL AO PRÉDIO**

"É uma inibição total. Estamos cheios de ratazanas, devido ao acumulado de lixo das lanchonetes e pracinhas. Até para chegar ao prédio é preciso pedir licença. São elas quem mandam. Os moradores não têm voz. Até a estrada principal está toda esburacada. Não há morador que consiga ter um sono tranquilo. Se não são as zungueiras ou comerciantes são os taxistas, a partir das 5h00".



**CONSUMO HUMANO
PRODUTOS EXPIRADOS**

Nas praças da noite há de tudo um pouco. Roupas do fardo, sapatos, pó caseiro e até produtos lácteos, como leite e manteiga. Esta última deve merecer a atenção do cliente. É que, às vezes, mesmo produtos já expirados são vendidos, como alertou uma comerciante.

É o tudo ou nada para que o produto não volte à casa do processo, lugar onde são guardados para a venda no dia seguinte.

As horas passam. Ainda assim, Domingas Teresa não arreda o pé. A jovem, de 21 anos, vende peixe. Ao lado dela estão outras vendedoras, contemporâneas, embora o aspecto físico, fustigado pelo sol, poeira e chuva, lhes faça aparentar idade mais avançada.

A chuva que cai sobre Luanda não causa estranheza às mulheres. Elas consideram o exercício rotineiro.

"Deus sabe que saímos para trabalhar. Então, ele cuida das nossas casas", exclamou uma vendedora, mãe de quatro filhos. "Vamos fazer mais como mãe?" interroga-se a mulher, que todos os dias vende até às 21h30. Natural do Cuanza-Sul, vive em Luanda há cinco anos e já se adaptou à nova realidade. "O táxi para casa apanho mesmo aqui no meu lugar e chego a casa sem qualquer problemas", exprimiu.

O ambiente destes espaços, geralmente carregado de poeira, é também suportado por crianças. Santinha, outra vendedora, é de poucas palavras. Ao colo, carrega o filho de apenas sete meses. A saia já foi branca, mas agora parece castanha. Sentada ao chão, tem na cabeça o lenço que apara a poeira do dia. A falta de quem cuide do menor faz com que Santinha todos os dias o leve consigo.

A jovem vive no Grafanil, em Viana, e chega todos os dias ao mercado às 10h00. "Saio de casa mais cedo, normalmente, às 7h00. Vou ao Mercado do 30, adquiero o negócio e, depois, desço para os Congolenses, onde fico até às 21h00", contou, enquanto uma colega alertava que, em último caso, o comércio pode chegar até 22h30.

COMÉRCIO MISTO

Enquanto no mercado formal as prateleiras estão arrumadas por produtos, nos passeios, as comerciantes juntam-nos. Há de tudo um pouco. Roupas de fardo, sapatos, pó caseiro e até produtos lácteos, como leite e manteiga. Esta última deve merecer a atenção do cliente. "É que, às vezes, mesmo produtos já expirados são vendidos", alertou uma comerciante.

No meio de tanta confusão e poeira, apesar de ser noite, encontramos Alfredina e Nina. Duas jovens com sonhos e histórias quase comuns. Colegas de mercado há sete anos, conseguem aos poucos dar um novo rumo à vida.

A primeira vive na Estalagem, em Viana, e a segunda no Golfe 2, Kilamba Kiayi. Alfredina é uma jovem solta e fala de tudo, sem tento na língua. Já Nina é mais reservada. Alfredina ganhou o pseudónimo devido ao facto de o marido fazer questão de a ir buscar ao mercado. "Nome dela é Edna", conta tia Maria, vendedora de fuba. "Como o marido é Alfredo e está sempre aqui, para lhe pegar, então lhe chama-

mos já Alfredina", disse, no instante em que o marido acabava de chegar.

Alfredo, esposo de Edna, é pasteleiro por conta própria. Disse que faz este exercício por prazer.

"É a mulher que escolhi. A cidade não está muito boa. Por isso, quando não tenho encomendas, disponibilizo-me para vir, mesmo de táxi", disse.

Já Nina é mãe solteira. Ainda assim, sente-se segura com o rumo que têm dado à sua vida.

"Já tenho três cursos. Este ano, vou fazer secretariado", revelou-nos a jovem, que pensa concluir a formação para dar seguimento a outros sonhos. "Quero ser independente, mas traba-

lhando de forma digna. Nunca me esquecerei de onde sai", disse a jovem, enquanto se arrumava para ser fotografada para o Jornal.

"Vou preparar-me", disse Nina, tirando o lenço da cabeça. Ela e outras mulheres, trocam-se todos os dias ao chegar e ao sair do mercado. "Não somos qualquer. Isto é um trabalho como outro", sorri. No momento em que falávamos, passavam das 20h00. Nina conta que vive actualmente em casa da mãe, no Tala Hady, município do Cazenga, por esta encontrar-se doente. "Aqui é mais perto. Posso sair a qualquer hora; temos sempre táxi", concluiu.

Sacos, bacias e caixas marcam o cenário, que inclui bens alimentares como tomate, cebola, peixes e carnes, além de outros que compõem a cesta básica. Entre gritaria e correrias há quem não da muita importância ao adiantado da hora, pois a qualquer momento pode apanhar o famoso candongueiro.



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

MORADORES "ATADOS"

O "braço de ferro" entre moradores e vendedores está muito longe de terminar. Moradores dizem-se impotentes diante da situação e lamentam o facto da Administração local nada fazer até ao momento.

"Já escrevemos à Administração do Rangel e nada", disse Teresa Cristóvão, 62 anos. Moradora há 40 anos no Bloco A5, a dona de casa disse ser impossível falar-se em tranquilidade.

"Minha filha, é todos os dias assim. Não há sábado nem domingo", lamentou a anciã, confirmando que a venda na rua Lino Amézaga, no Rangel, é polémica. "Há 12 anos, neste prédio, era possível os jovens, depois do serviço, sentarem-se defronte ao prédio. Actualmente, é impossível".

O acesso à entrada do prédio fica obstruída por bancadas. Manuel Bento quase teve de descer do carro para pedir que o deixassem passar. Conseguiu chegar ao edifício onde vive.

"É uma inibição total. Estamos cheios de ratazanas, devido ao acumulado de lixo das lanchonetes e pracinhas. Até para chegar ao prédio é preciso pedir licença", lamentou Manuel Bento, para quem são as comerciantes que tomaram conta das ruas, passeios e paragens.

"São elas quem mandam. Nós, os moradores, nem temos voz. Neste momento, não temos saneamento básico. Até a estrada principal está toda esburacada. Não há morador que consiga ter um sono tranquilo. Se não são as zungueiras ou comerciantes são os taxistas, logo a partir das 5h00", desabafou.

COSTUREIRA

Na praça da noite estão mulheres de vários ofícios. Entre elas, encontramos uma costureira.

Dona Domingas, 59 anos, enveredou para o mercado informal, por falta de acessórios que lhe facilitassem a actividade de costura.

"Os acessórios estão muito caros. Mesmo os panos, vulgo tradicional. Não me vejo a ficar em casa. Tenho um filho com trombose e, se não trabalhar, não sei o que será dele", lamentou. Mãe de quatro filhos, disse que se vê "atada" por não ter outra opção.

"Sou profissional, mas também já sou velha. Seria bom se o Governo nos ajudasse com um subsídio de velhice", disse acrescentando, que o que lhe faz ficar na praça são as necessidades.

Interrogada sobre o horário que deve regressar à casa, dona Domingas falava em 20h00, quando já eram 21h15.

Junto as comerciantes estão os compradores. Tal como as vendedoras fizeram questão de aferir, aproveitam-se do final do dia para levar alguma coisa para casa.

Rosa Constantino aproveita a paragem para comprar o jantar para casa. "Largo tarde do serviço, como as senhoras estão aqui na paragem de táxi, então aproveito levar alguma coisa para casa", justifica.

MULHERES UNIDAS RUMO AO EMPODERAMENTO

OTION

56
1962
2018
Anos

JORNADA "MARÇO - MULHER"

24 FEVEREIRO | 31 MARÇO



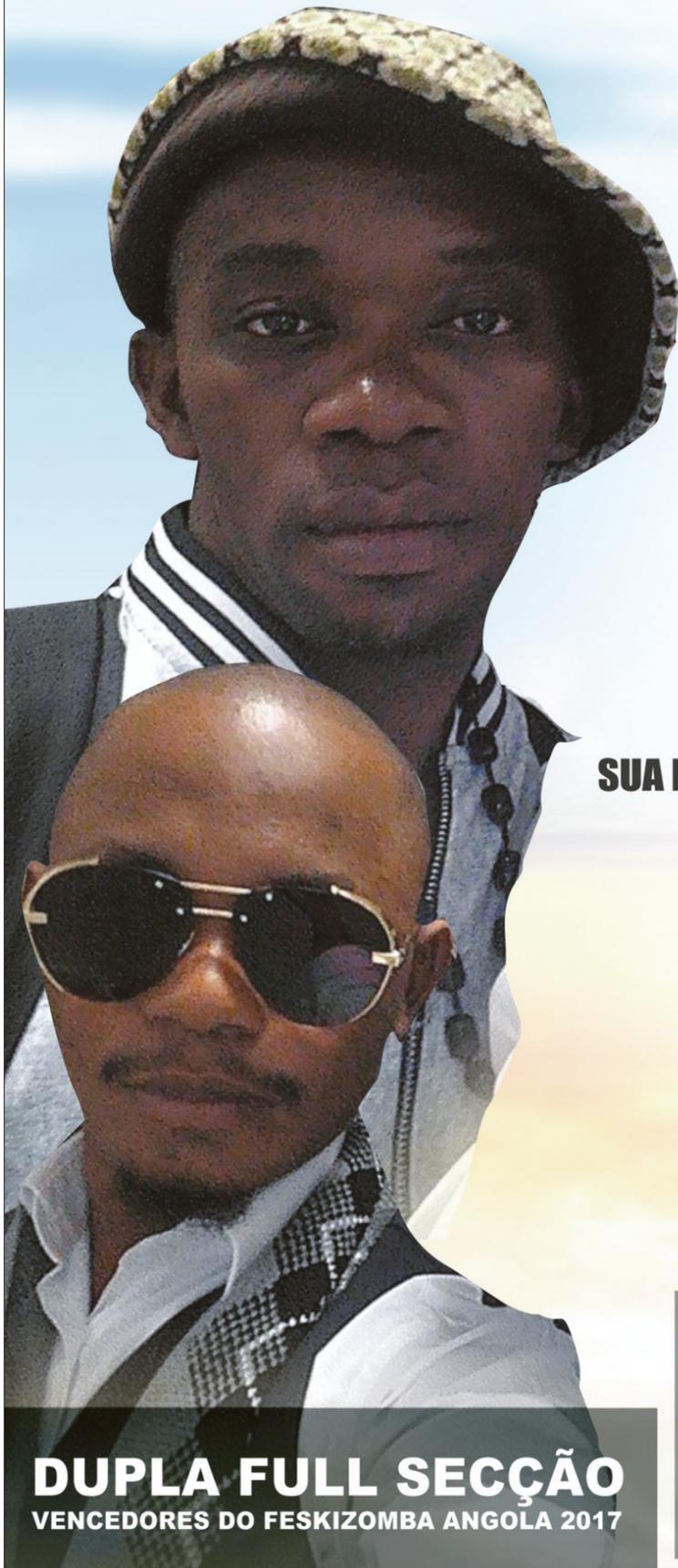
ACTO CENTRAL 3 MARÇO HUAMBO

Actividades políticas e patrióticas, culturais, formativas e socioeconómicas irão marcar as celebrações dos 56 anos da maior organização feminina de Angola.



★ FESTIVAL DE MÚSICA KIZOMBA DE ANGOLA ★

11ª EDIÇÃO



AGORA CHEGOU A SUA VEZ !

SE VOCÊ É JOVEM E CANTA O ESTILO KIZOMBA FAÇA JÁ A SUA INSCRIÇÃO NO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA KIZOMBA DE ANGOLA E HABILITA-SE A GANHAR VALIOSOS PRÉMIOS

INSCRIÇÕES ABERTAS DE

01 A 30

FEVEREIRO DE ABRIL

LOCAIS DE INSCRIÇÃO

STROMP, DISCOTECA VALÓDIA, BOUTIQUE LWEI E NA RECEPÇÃO DO HOTEL TROPICANA (NA RUA COMANDANTE VALÓDIA)

Site: WWW.INGRESSOPRATICO.CO.AO

Linha de Apoio: 222 040 464 / 923867723

DUPLA FULL SECÇÃO

VENCEDORES DO FESKIZOMBA ANGOLA 2017

■ APOIOS



■ MEDIA PARTNER



■ APOIOS INSTITUC.



■ REALIZAÇÃO



TESTE

Desafio

1 - Este teste é constituído por uma frases a que faltam as últimas palavras. É necessário encontrar essa palavra de modo a completar a frase.

1- Borracha está para apagar como régua está para:

A. Beber; B. Chupar; C. Medir; D. Cortar.

2- Enxada está para lavra como tecto está para:

A. Campo; B. Horta; C. Quintal; D. Casa.

3- Cabeça está para pensar como olho está para:

A. Comer; B. Guardar; C. Enxergar; D. Correr.

2 - Zaire é uma província situada no extremo noroeste do nosso país. Tem uma área de 40.130 km² e cerca de 600 mil habitantes. É constituída por seis municípios, na qual dois deles fazem parte. Diga quais.

- A- Luáu;
- B- Alto;
- C- Zambeze
- D- Nôqui;
- E- Cuimba
- F- Bembe;
- G- Damba

3- Na mitologia egípcia, **Hórus** é uma divindade dos céus, era filho de Osíris e representava...

- 1- O sol
- 2- A noite
- 3- A constelação
- 4- O cosmo

RESPOSTAS

47- LOGE 49- PUA 50- DADA 52- FAA 56- DA 58- II...
40- LASER 42- CHA 43- NO 44- ESTAR 45- MAIAR
34- ALAR 35- AC 36- AL 37- LER 39- SAL 41- ACNE 45-
29- SOLENE 30- SR 32- CASOTA 33- OCAR 38- VIRAR
15- RIMAR 18- EVA 21- TETA 23- LOCAL 27- AMEA
8- AM 9- SOS 10- ILUSTRAR 11- LABORAR 13- STOP
1- NDOKA 2- SECAR 3- OPOR 4- KO 5- III 7- RAMA

Verticais

55- ADEGA 57- VALIDAR 59- AREAL 60- RAIAR
ML 46- ORAL 48- HOSPEDAR 51- SOFÁ 53- TU 64- AIA
34- ALAR 35- AC 36- AL 37- LER 39- SAL 41- ACNE 45-
26- RAPA 28- OSTRÁ 30- SEM 31- CORAR 32- CORTE
17- ITEM 19- SUBJ 20- KART 22- OVAL 24- SOM 25- AR
1- NSOKI 6- BRASIL 12- DEPOIS 14- AMOLAR 16- OCO

Horizontais

Palavras Cruzadas

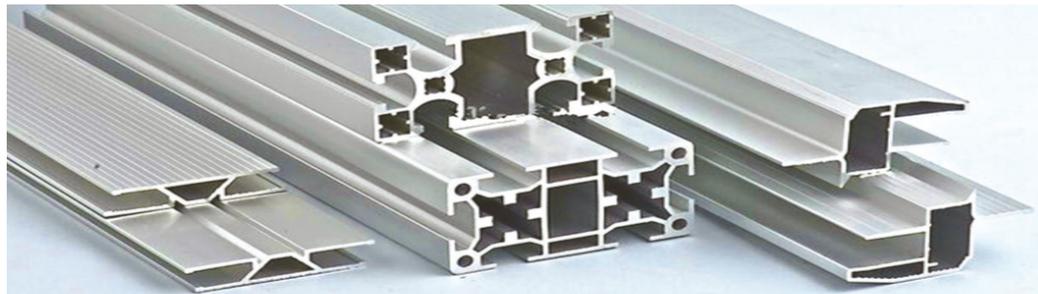
- 3- 1- Sol
- 2- D - Nôqui
- 2- E - Cuimba
- 1- 3 - C - Enxergar
- 1- 2 - D - Casa
- 1- A - C - Medir

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



A origem do alumínio

O alumínio é um elemento químico de símbolo Al e número atómico 13 (treze prótons e treze elétrons) com massa 27 u. Na temperatura ambiente é sólido, sendo o elemento metálico mais abundante da crosta terrestre.

Tanto na Grécia como na Roma antiga empregava-se a pedra-ume (do latim alūmen), um sal duplo de alumínio e potássio, como mordente em tinturaria e adstringente em medicina, ainda hoje usado.

Geralmente é dado a Friedrich Wohler o reconhecimento do isolamento do alumínio, facto que ocorreu em 1827, apesar de o metal ter sido obtido impuro alguns anos antes pelo físico e químico Hans Christian Orsted.

Em 1807, Humphrey Davy propôs o nome aluminum para este metal. Mais tarde, resolveu trocar o nome para aluminium por coerência com a maioria dos outros nomes latinos dos

elementos, que usam o sufixo -ium. Desta maneira, ocorreu a derivação dos nomes actuais dos elementos noutros idiomas. Entretanto, nos Estados Unidos da América, com o tempo, popularizou-se a outra forma, hoje admitida também pela IUPAC (União Internacional de Química Pura e Aplicada).

Apesar do alumínio ser um metal encontrado em abundância na crosta terrestre (8,1 por cento) raramente é encontrado livremente. As suas aplicações industriais são relativamente recentes, sendo produzido em escala industrial a partir do final do século XIX.

Quando foi descoberto, verificou-se que a sua separação das rochas que o continham era extremamente difícil. Como consequência, durante algum tempo, foi considerado um metal precioso, mais valioso que o ouro. Com o avanço dos proces-

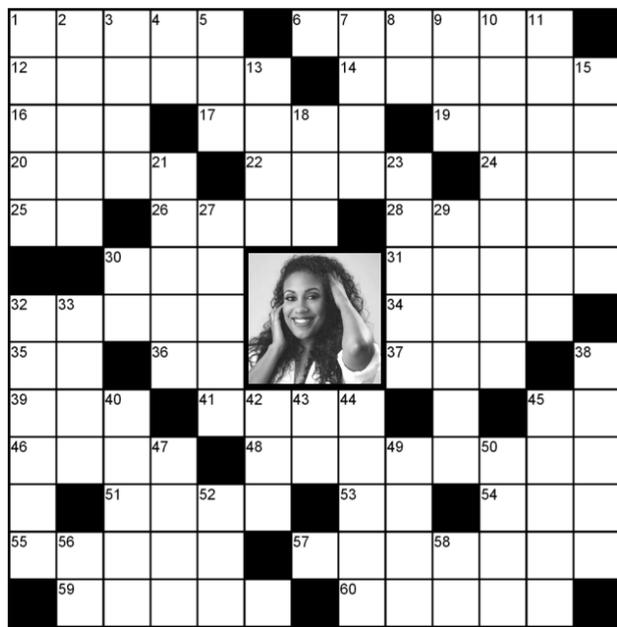
os de exploração, os preços baixaram continuamente até colapsarem em 1889, devido à descoberta de um método simples de extração do metal.

Actualmente, um dos factores que estimulam o seu uso é a estabilidade do seu preço, provocada principalmente pela sua reciclagem.

Em 1859, Henri Sainte-Claire Deville anunciou melhorias no processo de obtenção, ao substituir o potássio por sódio e o cloreto simples.

Posteriormente, com a invenção do processo Hall-Héroult em 1886, a extração do alumínio a partir do mineral ficou mais simples e barata. Este processo, juntamente com o processo Bayer, descoberto no mesmo ano, permitiram estender o uso do alumínio para uma multiplicidade de aplicações até então economicamente inviáveis.

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1 - (...) Neto, cantora com uma carreira de sucesso desde o seu álbum de estreia, 'Meu Anjo', de 2012.
- 6- País da América do Sul. 12- Posteriormente. 14- Afiar.
- 16- Vazio. 17- Parcela. 19- Fui para cima. 20- Pequeno veículo automóvel de competição, com um só lugar.
- 22- Do feitio de ovo. 24- Ruído. 25- Atmosfera. 26- Corta rente. 28- Molusco bivalve que pode produzir pérolas.
- 30- Preposição designativa de falta. 31- Enrubescer.
- 32- Supressão. 34- Em forma de asa. 35- Antes de Cristo (abreviatura). 36- Suspiro. 37- Um prazer de quem gosta de livros. 39- Cloreto de sódio. 41- Doença das glândulas sebáceas. 45- Terceira nota musical. 46- Verbal. 48- Albergar. 51- Canapé estofado. 53- A tua pessoa. 54- Camareira. 55- Casa térrea onde se guarda o vinho e outras provisões. 57- Tornar legítimo ou legal. 59- Lugar de muita areia. 60- Despontar no horizonte.

Verticais

- 1- Bebida fermentada à base de mel (hidromel).
- 2- Enxugar. 3- Confrontar. 4- Abreviatura de knock-out.
- 5- O número três em numeração romana. 7- Os ramos ou a folhagem das plantas. 8- Antes do meio-dia. 9- Sigla de Save Our Souls. 10- Adornar com ilustrações ou desenhos. 11- Trabalhar. 13- Lugar de paragem (palavra inglesa). 15- Versejar. 18- A primeira mulher, segundo a Bíblia. 21- Patranha, mentira. 23- Relativo a determinado lugar. 27- Abertura no alto da muralha de uma fortificação por onde se visava o inimigo. 29- Pomposo. 30- Senhor (abreviatura). 32- Guarnição de cão. 33- Escavar. 38- Pôr uma coisa no sentido oposto. 40- Aparelho que emite raios luminosos muito intensos. 42- Infusão medicinal de diversas plantas. 43- Redução das formas linguísticas "em" e "o" numa só. 44- Ser presente. 45- Atrapalhar. 47- Rio de Angola que nasce no município de Quitexe, província de Uíge e desagua no Oceano Atlântico, imediatamente a Norte da cidade de Ambriz. 49- Moeda do Botswana. 50- Concedida. 52- Forças Armadas Angolanas. 56- Redução das formas linguísticas "de" e "a" numa só. 58- O número dois em numeração romana.

Cinema

ZAP Cinemas

Semana: 16 a 22 de Março

- Título: **Tomb Rider: O Começo** (IMAX)
- Género: **Ação/Aventura**
- Sessões: 12h30/15h30/18h30 /21h10/00h15*
- *(sexta, sábado e vesp. de feriado)



- Título: **A Idade da Pedra**
- Género: **Infantil**
- Sessões: 10h40*
- *(sábado domingo e feriados)
- 12h50/14h55/17h00/19h00



- Título: **Proud Mary**
- Género: **Ação**
- Sessões: 13h10/15h15/17h20/ 19h45/21h30/23h45*
- *(sexta, sábado e vesp. de feriado)



CINEMAX /Kilamba

•Semana: 16 a 22 de Março

- Título: **Agente Vermelha** (sala VIP)
- Género: **Suspense**
- Sessões: 13h10/16h10/19h10 /22h10

- Título: **Pantera Negra 3D**
- Género: **ficção/ aventura** (sala 1)
- Sessões: 13h00/15h50/18h40 /21h30

- Título: **Patrulha dos Gnomos VP** (sala 2)
- Género: **animação**
- Sessões: 13h30/16h10 / 10h10 (excepto 06 de Março)

- Título: **50 sombras Livre 3D** (sala 2)
- Género: **drama**
- Sessões: 15h30/18h10/20h40 /23h10

- Título: **12 Indomáveis**
- Género: **ação/aventura** (sala 3)
- Sessões: 13h00/15h40/18h20 /21h10/23h50*

- Título: **Snow: Uma Viagem Heróica**
- Género: **animação/aventura** (sala 4)
- Sessões: 14h00/ 16h00/18h00

- Título: **Kickboxer: A Retaliação**
- Género: **ação** (sala 4)
- Sessões: 20h00/22h20*

- Título: **Actos de Vingança**
- Género: **ação** (sala 5)
- Sessão: 13h20 /15h20/17h2 19h20/21h20/23h20*

**DAVID CAPELENGUELA
OBRA "EGO DO FOGO"
APRESENTADA NA UEA**

"Ego do Fogo" é o título do livro de poesia de David Capelenguela, apresentado recentemente na União dos Escritores Angolanos (UEA), em Luanda. A obra é uma homenagem a todas as mulheres do mundo, particularmente, as de Angola, por ser uma figura importante na sociedade.



**CENTRO CAMÕES
LUÍS QUITUMBA
LANÇA "RAIO DE LUZ"**

O Centro Cultural "Camões" acolheu este mês o lançamento da obra de poesia do escritor Luís Quitumba "Poeta Kayata", denominado "Raio De Luz". O lançamento ocorreu no quadro da "Divulgação de Jovens Escritores - Publicação de Primeira Obra Literária", criada pelo Centro "Camões".



EVENTOS



"CARTEL D' AMOR" Músico apresenta novo disco

CEF NO ATLÂNTICO

O músico Cef ou Cef Tanzy, como também gosta de ser chamado, tem agendado para este sábado, 24, o espectáculo de apresentação, ao vivo, do seu segundo disco, "Cartel D' Amor". O concerto tem lugar no Cine Atlântico e é o primeiro da carreira do compositor e cantor. São convidados os artistas Dji Tafinha, Big Nelo, Francis MC Cabinda, Young Double, Kletuz, VC, Cage One, Yannick Afroman e Dream Boyz. O disco é o segundo do cantor e foi lançado no dia 30 de Setembro de 2017.



ARTISTA Exposição é uma homenagem a mulher

**PINTURA E INSTALAÇÃO
DE ISABEL BAPTISTA**

O Centro Cultural Português em Luanda acolhe, até ao dia 22 do corrente, a exposição de pintura e instalação "Um Dia Por Dia", da artista plástica Isabel Baptista. A exposição pretende ser uma homenagem cheia de luz, cor e poesia à mulher, a todas as mulheres do mundo de todos os tempos e lugares. Reúne uma instalação que evoca o universo feminino e 11 telas de grandes dimensões, em acrílico e massa de acrílico sobre tela de linho. Isabel Baptista nasceu em Luanda, onde fez os estudos em pintura, na antiga Escola Industrial, no final dos anos 70. A sua primeira exposição individual decorreu em 1990, no Museu de História Natural de Luanda.

MÚSICA POPULAR ANGOLANA

**Dom Caetano tem
"Esperança Divina"**

Músico popular e de raiz. Assim se pode definir Dom Caetano, homem sereno, de grande musicalidade, que prepara para Abril o lançamento da sua nova obra discográfica, intitulada "Esperança Divina". A obra, com 11 faixas musicais, conta com vários ritmos, nomeadamente, rumba, bolero, Semba e Rebita, cantados predominantemente na língua Kimbundu.

Sob a chancela da produtora "Arca Velha", "Esperança Divina" junta-se aos dois últimos trabalhos a solo do cantor, "Adão e Eva" e "Mateus: 7 versículo 7". "É uma atribuição moral à minha santa paciência. Não tenho pressa de lançar discos. Não faço das tripas o coração", disse o artista, que consegue colocar cada órgão no seu devido lugar.

Os temas propostos são também reflexões sobre a fé profética em Cristo, como onipotente e dono da vida. "Sou cristão católico, baptizado. Creio que a vida é da graça de Deus", disse.

Dom Caetano completa 45 anos de carreira. São anos de sucessos que o tornam num dos grande expoente da musica popular angolana e bastante consultado pela nova vaga da geração do semba. Músicas como "Som angolano", "Semba Dilema", só para citar estas, fazem parte da lista de sucessos do músico, natural de Luanda.

Foi no início dos anos 1970 que Dom Caetano se juntou a um grupo de amigos e formou a banda "The Seven Boys", no Bairro Sambizanga. Um grupo que, por meio de instrumentos convencionais, conseguia cantar e encantar. É também no bairro Sambizanga onde o músico sente maior influência na sua veia artística.

"Sempre acompanhei os grupos carnavalescos de Luanda, principalmente, os sediados no Sambizanga, tais como os agrupamentos Kiela e Kabocomeu", contou. O músico completa no próximo, dia 25 de Abril, 60 anos de idade. "A minha carreira começa agora, com o lançamento do "Esperança Divina", considerou, sorrindo.

Caetano Domingos António ou, simplesmente, Dom Caetano colecciona vários prémios na carreira. Realce para o Prémio Welwitschia, 1987, atribuído pela Rádio Nacional de Angola, como o único vencedor, como vocalista dos Jovens do Prenda, com a canção "Nova cooperação".

Em 1991, foi vencedor do prémio da União Nacional dos Camponeses de Angola, com a canção "O meu chão tem tudo". Venceu o Prémio Sonangol da Canção, em 1996, com a música "O Pecado Carnal". Ficou em sétimo lugar, num universo de 10 concorrentes, no I Festival da Canção Política, organizada pela JMPLA, em 1982, na cidade do Huambo. Subiu, pela primeira vez, ao palco, em 1973, no Centro Cultural os Anjos, no Sambizanga, e foi acompanhado pelo Conjunto Astros. Nesse mesmo ano, em companhia de alguns amigos dos bairros Mota e Cabuite, forma o conjunto "Os sete amigos".

Ainda em 1973, actuou no "Surpresa 73", do Rangel, como guitarrista baixo. Passou, também, pelos Sete Incríveis, do Sambizanga. Entre 1976 e 1979, como vocalista, actuou no "Combo Revolucion", em Havana.

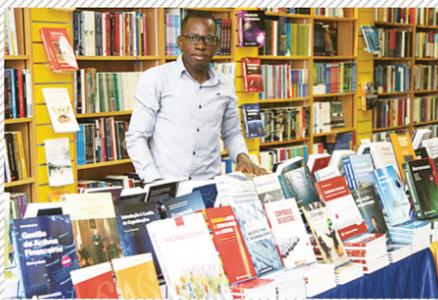
De 1985 a 1996 foi vocalista dos "Jovens do Prenda", passando, depois, pelo "Instrumental 1º de Maio". De 1999 a 2001, vingou na Banda Movimento, que, na altura, era pertença do Movimento Nacional Espontâneo. De 2003 até à presente data está ligado à mesma banda Movimento, agora gerida pela Rádio Nacional de Angola.

Além da música, Dom Caetano é exímio cronista, uma arte de escrever que desempenha desde 1985, na altura na Agência Angola Press (Angop). Actualmente, escreve apenas para o Programa "Quintal do Ritmo", emitido todos os sábados, no Canal A da Rádio Nacional de Angola, com o pseudónimo Kana Kanjulgu.

Além do disco "Esperança Divina", Dom Caetano está a preparar o lançamento de um livro de crónicas e outras histórias da música angolana.



CRISTINA DA SILVA



JORGE BIZERRA ESCOLAR EDITORA

“Antigamente, tínhamos mais facilidade. Os clientes podiam encomendar os livros a qualquer altura, num curto espaço de tempo, pois chegavam de avião. Os preços praticados são estabelecidos a partir da ordem comercial e são acessíveis ao bolso de todos. Os estudantes universitários e revendedores são os clientes preferenciais”.



BERNARDO ANTÓNIO LIVRARIA 4 DE FEVEREIRO

“Temos carências de editoras que façam produção de livros e as bibliotecas têm falta de material. Por isso, peço às autoridades que apostem cada vez mais na criação de distribuidoras de livros e na fiscalização dos preços, particularmente, os livros técnicos, de forma a chegarem nas livrarias a bom preço”.

BIBLIOGRAFIA

Dificuldades na importação travam as vendas em livrarias

Há cada vez mais carência de lojas de venda de livros, em Luanda. Nos últimos tempos, a província tem vindo a testemunhar o encerramento de livrarias, algumas das quais marcaram épocas, entre várias gerações de estudantes e professores.

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Estudante do curso de Psicologia Escolar, Paulo Castelo viu reduzida a opção, sempre que precisa de comprar um livro ou qualquer material escolar. A escassez de livrarias, afirma, além de impedir o seu acesso, venda e divulgação, tem contribuído para o empobrecimento intelectual dos jovens.

Apesar do desenvolvimento das novas tecnologias, sobretudo a digital, os livros ocupam um grande espaço na vida de um estudante ou leitor. Helena Amaral, docente do II Ciclo do Ensino Geral, por exemplo, aponta que é necessária a criação de políticas consistentes e bem direccionadas, de modo a impedir o encerramento de livrarias.

Referenciada como uma das melhores, a livraria Irmãs Paulinas, na zona do Zé Pirão, município de Luanda, há 19 anos que comercializa livros de diferentes temáticas, com particular incidência para a Bíblia Sagrada e obras infantis. Também reúne publicações que

abordam temas sobre Psicologia, Direito, Medicina, Administração, Gestão, Filosofia ou Arquitectura.

Daniela da Silva, gerente do estabelecimento, revelou que os livros são importados do Brasil e de Portugal, sendo os estudantes universitários e alguns encarregados de educação os clientes mais assíduos.

“A Bíblia é dos livros mais vendidos. Seguem-se aqueles com temáticas sobre o transtorno mental e problemas bipolares. Cada livro tem o seu preço e é acessível ao bolso de todos”, frisou, considerando extremamente difícil a actual conjectura do mercado.

Daniela da Silva explicou que, apesar do estabelecimento possuir parceria com escritores nacionais, infelizmente, estes ainda não preenchem todas as necessidades. Por outro, admitiu a existência de bibliotecas muito precárias, por falta de oferta literária de qualidade.

“De um tempo a esta parte que estamos a sobreviver com a reserva. É uma pena, porque os estudantes e professores precisam de mais e mais livros”, lamentou. Embora existam iniciativas para inverter a situação, a importação

“A Bíblia é dos livros mais vendidos. Seguem-se aqueles com temáticas sobre o transtorno mental e problemas bipolares. Cada livro tem o seu preço e é acessível ao bolso de todos. A actual conjectura é extremamente difícil e de um tempo a esta parte estamos a sobreviver com a reserva. É uma pena, porque os estudantes e professores precisam de mais e mais livros. Embora existam iniciativas para inverter a situação, a importação continua a ser o meio principal de obtenção do material. Por outro lado, em outros tempos, tínhamos um número elevado de clientes, mas o movimento reduziu significativamente, por falta de livros.”

continua a ser o meio principal de obtenção do material, indicou. Localizada no bairro Maculusso, nas imediações da Igreja Pentecostal, a livraria Diamantina tem resistido à crise. Eugénia Marques, a responsável, informou que vende um pouco de tudo, mas a prioridade recai para livros de cariz religioso.

“Funcionamos há 12 anos e a maior parte dos livros é importada do Brasil. Actualmente, o stock está em baixo e, para piorar, temos dificuldades no processo de importação”, disse. Eugénia Marques revelou também que, para manter o negócio, têm de comprar livros a partir de outras livrarias.

“Este método de compra tem causado muitas dificuldades, porque há determinados livros que o autor estipula um preço e somos obrigados a aumentá-lo, para tirar algum lucro”, confessou.

A vendedora reconhece mais-valia na parceria com os escritores nacionais, para a comercialização das suas obras, embora o cenário não seja hoje tão favorável.

“Em outros tempos, tínhamos um número elevado de clientes, mas o movimento reduziu significativamente, por falta de livros”, disse.

OUTROS TEMPOS; OUTROS PREÇOS

À semelhança do que acontece com outros estabelecimentos, a livraria Escolar Editora, localizada próximo à Calçada do Pelourinho, funciona apenas com o que tem à disposição.

Jorge Bizerra, o gerente, disse que não importam livros há mais de dois anos e que a situação tem dificultado o negócio.

“Antigamente, tínhamos mais facilidade. Os clientes podiam encomendar os livros a qualquer altura, num

curto espaço de tempo, pois chegavam de avião”, lembrou. Jorge Bizerra garante que os preços praticados na livraria Escolar Editora são estabelecidos a partir da ordem comercial e são acessíveis ao bolso de todos. Apontou os estudantes universitários e revendedores como os seus clientes preferenciais.

“Temos também parceria com escritores angolanos, que nos pagam uma prestação pelo nosso serviço”, disse.

CARÊNCIA E ALTERNATIVAS

Para Bernardo António, responsável da livraria 4 de Fevereiro, na rua Rainha Njinga, o actual estado das livrarias não é bom e urge encontrar alternativas para que consigam sobreviver.

“Está livraria só se mantém até hoje porque temos o apoio de escritores nacionais, pessoas singulares e da Plural Editora, que têm colocado os seus livros à venda na instituição e pagam pelo nosso serviço”, disse.

Bernardo António ressaltou que a loja vende vários tipos de livros. Os clientes, explicou, muitas vezes não olham o livro pelo preço, apenas o conteúdo e, por isso, compram, sem exitar. Com saudades, confessou que, no passado, as livrarias eram rentáveis devido à facilidade de promoção, tanto dentro como fora do país.

“Ao nível do país ainda temos carências de editoras que façam produção de livros e as bibliotecas têm falta de material. Por isso, peço às autoridades que apostem cada vez mais na criação de distribuidoras de livros e na fiscalização dos preços, particularmente, os livros técnicos, de forma a chegarem nas livrarias a bom preço”, disse.



REFERÊNCIA Localizada na zona do Zé Pirão, a livraria Irmãs Paulinas comercializa livros de diferentes temáticas



CHÁ DE CAXINDE AMANTES DA LEITURA

Muitos estudantes universitários e não só, procuram a Livraria Chá de Caxinde para comprar livros. As estantes repletas de vários volumes de livros convidam e chamam atenção de quem passa e gosta da leitura. O espaço tornou-se um verdadeiro lugar sagrado para muitos luandenses que dedicam o seu tempo livre para obter mais conhecimento.



LELLO UM VAZIO NA BAIXA

A Livraria Lello foi durante muitos anos um refúgio de cultura em Luanda. Quando se anunciou a venda ao desbarato dos livros e o encerramento das portas, em 2015, a indignação tomou conta dos amantes da literatura. Muitas gerações de luandenses guardam boa memória do espaço.

PREÇOS ALTOS EM LUANDA

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Está cada vez mais caro buscar cultura nos livros

Nos últimos tempos, investir em literatura, seja ela didáctica ou de outra natureza, é quase impensável para o cidadão comum. A maioria há já algum tempo que não compra livros.



Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Adquirir um livro, em Luanda, está cada vez mais difícil. Se, anteriormente, os preços eram um pouco acessíveis, nos últimos tempos, investir em literatura, seja ela didáctica ou de outra natureza, é quase impensável para o cidadão comum.

Paula Fernandes considera-se uma boa leitora. Mas há já algum tempo que não compra livros.

“Ganhei o hábito pela leitura muito cedo, porque estava a fazer o curso de Psicologia e era necessário ler de tudo um pouco. Por esta razão, comprava livros todos os meses, quando fosse às compras”, contou.

A leitora procurava comprar os livros em algumas livrarias de renome, logo, confiáveis. Pode ser considerada uma colecionadora, pois, em casa, a sua prateleira tem mais de 100 livros: didácticos, religiosos, espirituais, de culinária, de auto-ajuda, de crónicas e romances.

Paula Fernandes diz-se uma excelente leitora, mas confessou que há muito tempo que não compra um

livro, por causa dos preços altos pelos quais são vendidos. Conhecendo do mercado, a interlocutora compara os preços e garante que os romances são um pouco mais baratos do que alguns livros didácticos. Por esta razão, ela dá prioridade aos livros da Faculdade e, quando há disponibilidade financeira, adquire um bom livro.

Paula Fernandes descobriu um aplicativo na Internet que lhe possibilita baixar alguns livros.

“Como já não consigo ter acesso aos livros comprando-os, sempre que posso, descarrego livros online para o meu computador”, disse.

Maria da Glória, outra estudante universitária, disse que também tem dificuldades na aquisição de livros. Algumas vezes, pede emprestado ou faz cópias para diminuir os gastos.

“Há algum tempo que não compro livros, porque estão muito caros. Um bom livro, seja romântico ou de literatura, muitas vezes, fica à volta de quatro mil Kwanzas, o que considero muito caro para o meu bolso”, manifestou.

Concentrado a ler títulos de livros, encontrámos Gerson Panzo, na Livraria 4 de Fevereiro. Ele disse que, desde que se formou, já não compra livros. Na opinião de Gerson, a pouca procura pelo livro também tem a ver com factores como o desemprego e a crise económica.

“Além dos preços serem altos, a juventude não tem o hábito de coleccionar livros. Apenas os procuram para ter sucesso académico. Fora isso, não dem tempo a comprar livros”, disse.

FEIRAS E PREÇOS DOS LIVROS

Devido à escassez dos livros, Gerson

Panzo apelou a que se realizassem mais feiras de livros, onde os preços sejam mais acessíveis. Pediu, igualmente, que se revissem os preços.

“Já fui a diversas feiras há alguns anos e comprei bons livros e discos, desde 1.500,00 a 3.000,00 Kwanzas. Hoje, torna-se difícil encontrar livros bons a este preço,” lamentou.

Na venda informal, praticada na Baixa de Luanda, senhoras comercializam os livros didácticos de acordo com a classe do aluno. Um conjunto de manuais para a 1ª classe custa 1.500,00 Kwanzas, ao passo que o da 2ª está a ser vendido a 3.000,00 mil Kwanzas. Já os livros da 4ª classe custam cinco mil kwanzas. Os da 8ª classe estão a ser vendidos a 10 mil Kwanzas. Um dicionário e a Lei Geral de Trabalho custam 2.500,00 Kwanzas cada. Num ronda feita a algumas li-

vrarias da cidade, a equipa de reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, constatou que os preços dos livros variam de 12 a 2.500 Kwanzas. O Código Civil, por exemplo, está a ser comercializado por cinco mil Kwanzas, um dicionário de Língua Portuguesa fica a 12 mil Kwanzas.

Já os romances variam de 3.500,00 a 4.000,00 Kwanzas. O manual de educação financeira, que está a ser muito procurado, cujo título é “A Cabra da Minha Mãe” está a ser vendido a 2.000,00 mil Kwanzas.

A livraria Nacional tem à venda alguns livros a preços muito convidativos. Contudo, alguns títulos são mais caro que em outra livraria. Por exemplo, lá o Código Civil é vendido a 5.850 kwanzas e alguns romances oscilam entre 4.000,00 e os 8.500,00 Kwanzas.

“Ganhei o hábito pela leitura muito cedo, porque estava a fazer o curso de Psicologia e era necessário ler de tudo um pouco. Por esta razão, comprava livros todos os meses, quando fosse às compras”



OBRAS POR ACAUTELAR ESTÁDIO CIRCUNDADO

As referidas obras há muito vinham sendo anunciadas. A ocupação anárquica ao longo do recinto é visível aos olhos de qualquer pessoa, até mesmo por quem por ali inadvertidamente passa. Por exemplo, do conjunto de obras feitas, sem que se tenham acauteladas as saídas de emergência, há uma obra a ser edificada na entrada principal.



JUVENTUDE E DESPORTOS ANA PAULA SACRAMENTO

"A comissão vai tomar contacto com os projectos inicialmente previstos, para os espaços agora privatizados, bem como os serviços de apoio para os frequentadores do estádio, de modo a tomar medidas necessárias, sem desvirtuar a maquete."

ESTÁDIO 11 DE NOVEMBRO

EDIÇÕES NOVEMBRO

Autoridades travam avanço de "jogo misterioso"

Em Janeiro, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, reportou que áreas adjacentes ao Estádio 11 de Novembro estavam a ser ocupadas por novas edificações.



Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Criada após visita ao recinto de uma delegação interministerial, composta pelos ministros da Juventude e Desportos, Ana Paula Sacramento, do Interior, Ângelo Tavares, e do Ordenamento do Território e da Habitação, Ana Paula de Carvalho, a comissão de trabalho que irá averiguar os aspectos técnicos que se prendem com a ocupação ilegal dos espaços adjacentes ao Estádio 11 de Novembro pode ter pela frente uma espinhosa tarefa.

"A comissão vai tomar contacto com os projectos inicialmente previstos, para os espaços agora privatizados, bem como os serviços de apoio para os frequentadores do estádio, de modo a tomar medidas necessárias, sem desvirtuar a maquete", garantiu a ministra da Juventude e Desportos.

Acompanhados por Miguel Xisto, director do Estádio, Ana Paulo Sacramento, que a encabeçou, a delegação, que visitou o local na última terça-feira, teve a confirmação de que os espaços privatizados pertencem às empresas Urbeinvest Projectos Imobiliários, cuja sócia maioritária é Isabel dos Santos, e ABC BCP, anterior gestora do empreendimento. As obras desta

última empresa estão interrompidas há algum tempo, por ocuparem espaços inicialmente reservados para o estacionamento de viaturas.

As referidas obras há muito vinham sendo anunciadas. Antes da decisão das autoridades, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, verificou e noticiou que não havia sido cumprido a obrigatoriedade de afixação da placa de identificação do construtor, do dono da obra e do tipo de empreitada.

A ocupação "anárquica" ao longo do recinto é visível aos olhos de qualquer pessoa, até mesmo por quem por ali inadvertidamente passa. Por exemplo, do conjunto de obras feitas, sem que se tenham acauteladas as saídas de emergência, há uma a ser edificada na entrada principal. Por outro lado, um dos postos de transformação de energia eléctrica, que alimenta o empreendimento, está agora dentro de uma zona vedada.

"O estádio não pode ser circundado desta forma. Deve ter as saídas e entradas conforme recomendações da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) e da Confederação Africana de Futebol (CAF). As coisas não devem continuar conforme estão. Em causa, estão vidas humanas e, em primeira instância, devemos velar por elas", disse a ministra da Juventude e Desportos.

Durante a permanência no local, a delegação ministerial multisectorial recebeu, da Urbeinvest, esclarecimentos sobre a forma como adquiriram os terrenos, os seus projectos e o que os motivou a solicitar tantos espaços. Neusa Inglês, representante da

empresa, afirmou que existe disposição em colaborar e seguir as orientações superiores. Ana Paula Sacramento, por sua vez, avançou que a comissão ora criada vai trabalhar com outros sectores,

para indicar os seus representantes. Depois, sublinhou a ministra, "vai estabelecer-se um cronograma para que este processo não interfira nas actividades realizadas no Estádio 11 de Novembro".

PARQUEAMENTO RETALHADO

Embora seja o gestor do Estádio 11 de Novembro, até pouco tempo atrás, Miguel Xisto desconhecia os verdadeiros donos da empreitada, o que, inclusive, deixou incrédulos os membros da delegação interministerial, devido à dimensão dos espaços privatizados.

"Não sabemos se são estruturas de apoio ao estádio. Apenas assistimos à edificação de paredes, que estão a retalhar a zona do estacionamento", denunciou Miguel Xisto, quando contactado, por este jornal, no mês de Janeiro.

A frente da gestão do estádio há mais de um ano, Miguel Xisto pouco ou nada sabia em relação ao que se passava, de concreto. Sobre o assunto, dizia que não havia recebido qualquer informação ou justificação, quer do Ministério da Construção e Obras Públicas, proprietário do estádio, quer do Ministério da Juventude e Desportos, o órgão de tutela.

AC



EDIÇÕES NOVEMBRO

GESTOR Miguel Xisto pouco ou nada sabia



O NOSSO LEITINHO TEM TODOS OS SEGREDOS PARA NÓS CRESCERMOS SAUDÁVEIS



REPÚBLICA DE ANGOLA
DIRECÇÃO PROVINCIAL DE SAÚDE DE LUANDA
PROGRAMA PROVINCIAL DE SAÚDE DE LUANDA





“Não havendo esta fiscalização, é difícil encontrar a perfeição que se pretende. Sendo uma obra pública, era necessária uma fiscalização, para aferir a qualidade dos materiais, processo construtivo e revisão do projecto.”

ANTÓNIO VENÂNCIO
ENGENHEIRO

**NOVO PROJECTO
CONSUMO DE CAFÉ
É SAUDÁVEL**

Um projecto denominado “O Clube do Café” vai ser desenvolvido em Luanda, pelo Delta Cafés e a Red Agência de Comunicação e Publicidade, com o objectivo de apelar ao lado saudável do café. De periodicidade quinzenal, o projecto vai agregar diversas personalidades.



TALATONA

Administração põe fim às provas de motocross

A Associação Provincial de Moto-Cross foi notificado, para no prazo de oito dias, remover todos os objectos que se encontram espalhados na parcela de um terreno, localizado na Avenida Pedro de Castro Van-Dúnem “Loy”, ocupado como pista do Circuito Internacional Jorge Varela. O prazo termina hoje, e a administração do Talatona aventou a possibilidade de autuar de forma coerciva.

A notificação assinada pela administradora do Talatona, Manuela Bezerra, ofício N° 0186/GDB.AMT/2018, considera que a parcela de terreno ocupado pela Associação Provincial de Moto-Cross é de 68.812.42 (medidas do Master Plan), sendo que uma parte dela pertence a um particular que já concluiu a legalização do espaço em 2017. Na mesma carta, a administração, orienta a Associação a dirigir-se às suas instalações com vista a regularização jurídica da outra parcela que se encontra sem documentação.

Jandir Talaia da Associação Provincial de Moto-Cross disse que os membros mostraram-se surpreendidos com a notificação, pelo que a considera inadequada. Segundo o tam-

bém associado, o Circuito Jorge Varela é um terreno que foi-lhes cedido nos anos 90, pelo então governador Anibal Rocha, em reposição de um outro, localizado na 21 de Janeiro, baptizado, na altura, de Circuito Internacional Ayrton Senna. “Este último espaço estava localizado numa zona aeroportuária, criando constrangimentos. Foi então que fomos transferido para a zona do Gamek”, explicou.

Jandir Talaia acrescentou que nunca foram ouvidos pela administração do Talatona, nem mesmo chamados para outra situação. “Fomos sim surpreendidos com este documento que nos ordena a retirar todos os objectos do local, sem que se nos digam qual é, realmente, a área pertencente a entidade particular e qual é a que nos pertence”, interrogou-se.

Além de equipamentos de treino, no recinto, estão também os escritórios da Associação e as oficinas de apoio aos campeonatos regularmente realizado. Jandir Talaia disse que a Associação Provincial de Moto-Cross possui toda documentação e irão recorrer às instâncias superior para que a situação seja revista.

CRISTINA DA SILVA

Resenha da Semana

CALEMAS

BOMBEIROS ALERTAM PARA O PERIGO DAS PRAIAS

O comando de Luanda do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros (SNPCB) alerta para o facto de alguns banhistas continuarem a utilizar as praias da Ilha do Cabo, no distrito da Ingombota, mesmo com o aviso de fortes calemas.

De acordo com o porta-voz do SNPCB, Faustino Minguês, citado pela Angop o número de mortes deve-se à falta de cumprimento das medidas de segurança por parte dos banhistas, uma vez que, neste momento, as praias são consideradas perigosas para actividades balneares.

“As pessoas devem evitar a beira-mar, até para apanhar sol, neste período das Caletas, em que se registam fortes ondas, que podem atingir alturas muito elevadas a qualquer hora”, aconselhou.

Faustino Minguês afirmou que quatro pessoas morreram afogadas e outras 12 foram salvas na costa marítima de Luanda, por mergulhadores do projecto Praias Seguras de Angola (PSA).

Os mergulhadores retiraram das praias do Km-26 e da Ilha do Cabo, município de Belas e distrito da Ingombota, os corpos de cidadãos de 13, 14, 28 e 36 anos.

As eminências de afogamento ocorreram nas praias do Jango Veleiro e Ponto Final, na Ingombota, e Pôr-do-sol, no município de Belas, envolvendo adultos e menores com idades entre os 12 e 30 anos.

A Unidade de Náufragos, localizada na zona da Chicala I, distrito da Ingombota, tem instalado um sistema de alerta para prevenir a população para o caso de aproximação de Caletas.

Com cerca de 10 quilómetros de comprimento e seis de largura, a Ilha do Cabo é habitada por aproximadamente dez mil pessoas e as praias são utilizadas por centenas de banhistas que, por causa do calor intenso que se faz sentir na capital, vão refrescando com as suas águas frescas. As caletas, que tiveram início na noite de segunda-feira, estendem-se até à próxima semana.

CRIME

MORTE DE AGENTE DA POLÍCIA ESTÁ SOB INQUÉRITO

O Comando de Luanda da Polícia Nacional abriu, na semana passada, um inquérito, para apurar as circunstâncias da morte de um agente da corporação e o ferimento de dois outros, no município de Belas, província de Luanda.

De acordo com um comunicado do Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa da Delegação Provincial do Ministério do Interior (Minint), à qual a Angop teve acesso, os agentes encontravam-se de folga, quando foram atacados por um oficial da polícia.

“Presume-se que o autor dos homicídios voluntário e frustrado, por disparos com arma de fogo, foi um oficial da corporação com a patente de superintendente”, indica o documento.

Segundo a nota da polícia, encontram-se, igualmente, em curso a instauração de um processo-crime e outro disciplinar, no sentido de garantir a responsabilização dos referidos actos.

Por fim...

ANTÓNIO PIMENTA



REPENSAR OS PROJECTOS

Na aparente boa vontade que, em princípio, terá movido, pensamos, os ideólogos dos projectos como o perímetro irrigado do Kikuxi, as valas de drenagem e bacias de retenção, em Luanda, acreditamos que, ao os idealizar, não terá, com certeza, passado pela cabeça de ninguém que as mesmas se fossem transformar em autênticos calvários para as pessoas que residem à volta. Ninguém previu que os seus ideais se fossem transformar nos “matadouros” que esses espaços representam hoje, passe o exagero. Com chuva e mesmo sem as chuvas, pessoas das mais diversas faixas etárias continuam a morrer, ao que se diz, em consequência de uma confrangedora ingenuidade. “Ingenuidade” por saber e também por não saber que, na vida, as pessoas têm que encarar o mundo tal como é e enfrentar os riscos a que cada um pode estar sujeito, a qualquer instante. E aqui vem outra vez a questão da autonomização das administrações. Quando surgem as desgraças, os administradores são chamados para dar resposta aos problemas e anunciar soluções, que ele próprio as tem como impossíveis, devido à ausência de recursos e meios que não têm à sua disposição. A questão do vazio institucional pode se apresentar aqui como uma justificação para todos estes males. Mas há quem defenda que essa questão pode ser facilmente resolvida, se houver vontade política. Até porque, defendem, é por meio da regulação que o Estado deve criar os equilíbrios nas suas relações com o cidadão, protegendo, em primeira instância, os mais frágeis e indefesos. Até porque não são só as valas e outros que matam. Os aparelhos de ar condicionado também o fazem e, provavelmente, em maior escala do que as valas e outros. Em Angola, não existe uma lei que regula o uso desse tipo de equipamentos e nem tão pouco existe registo de pessoas que perecem ou adoecem devido ao uso inadequado dos condicionadores de ar. À parte a responsabilização do Estado na ingente tarefa de combater a ocorrência deste tipo de incidentes, a sociedade civil pode, também, ser aqui chamada para fazer parte desta nobre missão, aparecendo o Estado como o grande motivador, criando incentivos para o surgimento do associativismo a volta das comunidades, não importa onde estiverem. Podemos com os grupos associativos, ajudar a evitar as mortes nas valas e em outros locais, que apesar das diferenças, estão a causar perdas de vida que bem podiam ser evitadas.



VELOCIDADE Circuito Jorge Varela é um terreno cedido nos anos 1990